

APRESENTAÇÃO

A prática regular de atividades físicas tem sido freqüentemente associada à prevenção de inúmeras doenças. Em que pese a existência de um debate acerca desta idéia, um número elevado de pesquisas vem sendo produzido com o intuito de reafirmar esta posição. Assim sendo, diferentes autores advogam que o exercício físico poderia contribuir para prevenção da doença arterial coronariana, acidente vascular encefálico, diabetes mellitus, hipertensão arterial, osteoporose, entre outras doenças¹.

Na base de dados *Medline*, durante a primeira semana de abril de 2007, foi possível identificar 6.049 artigos citados para a expressão em língua inglesa “*physical exercise*” e 23.780 para “*physical activity*”.

Contudo, o refinamento do levantamento acrescentando as palavras “*childhood*”, “*adolescence*” ou “*young*”, isto é, “infância”, “adolescência” ou “jovem”, questão central no presente estudo, implicou em uma redução drástica no número de referências. Para “exercício físico” e “infância” foram encontrados 97 artigos. Quando a expressão estava em conjunto com “adolescência” registrou-se 899 citações, enquanto para o uso da palavra “jovem” junto ao termo possibilitou verificar 406 referências. Estas mesmas palavras associadas à expressão “atividade física” permitiram levantar, respectivamente, 811, 4.747 e 1.890 trabalhos científicos.

A despeito de muitas pesquisas sobre prevalência da prática de atividades físicas contemplarem dados referentes a adultos e crianças em

¹ Neste sentido conferir: AMERICAN COLLEGE OF SPORTS MEDICINE. Physical activity and bone health. *Med Sci Sports Exerc.* 2004;36(11):1985-96; BERLIN JA, COLDITZ GA. A meta-analysis of physical activity in the prevention of coronary heart disease. *Am J Epidemiol.* 1990;132:612-28; KRISKA AM, BLAIR SN, PEREIRA MA. The potencial role of physical activity in the prevention of noninsulin-dependent diabetes mellitus: the epidemiological evidence. *Exerc Sport Sci Rev.* 1994;22:121-43; US DEPARTMENT OF HEALTH AND HUMAN SERVICES. Physical activity and health: a report of the surgeon general. Atlanta, GA: US Department of Health and Human Services, Centers for Disease Control and Prevention, National Center for Chronic Disease prevention and Health Promotion; 1996.

conjunto, percebe-se que o maior interesse está voltado para a população adulta. Ainda assim, os temas têm merecido destaque no campo da saúde coletiva e da educação física.

Por outro lado, o uso dos termos “inatividade física” ou “sedentarismo” tem apresentado alguns problemas pontuais. *A priori* é possível considerar que “atividade física” pode ser entendida como qualquer movimentação corporal. O “exercício físico”, por sua vez, pode ser compreendido como as atividades físicas sistemáticas que tenham por propósito a melhoria e a manutenção de um ou mais componentes da aptidão física. Deste modo, dois problemas podem ser levantados. Primeiro, os instrumentos de medida têm se valido de mensurações das duas situações, e as análises, por vezes, desconsideram este aspecto, ocasionando, deste modo, confusões nas interpretações. O segundo problema diz respeito sobre o que seria um sujeito sedentário? E, considerando o objeto do presente estudo, o que seria um adolescente sedentário?

Outro ponto de interesse estaria vinculado à influência que inúmeras outras variáveis poderiam desempenhar sobre a prática de atividades físico-esportivas. É possível questionar, portanto, qual a influência das condições socioeconômicas, da educação física escolar e da região geográfica sobre a prevalência de atividades físico-esportivas por adolescentes.

Neste sentido, o presente estudo foi desenvolvido com o intuito de suprir a carência, em relação aos poucos dados existentes, acerca da prevalência da prática regular de atividades físico-esportivas, entre adolescentes, na cidade do Rio de Janeiro.

Desta forma, a pesquisa foi estruturada em três etapas. Primeiramente, pretendeu-se identificar a prevalência da prática de atividades físico-esportivas

e de fatores associados entre estudantes de 14 a 15 anos matriculados na oitava série do ensino fundamental da rede escolar do Rio de Janeiro, residentes neste município. Num segundo momento foi verificada a associação das condições socioeconômicas com a prevalência da prática de atividades físico-esportivas. Por fim, um terceiro estudo, tratou de analisar a influência da educação física escolar sobre o gosto e a prática regular de atividades físico-esportivas nos momentos de práticas extracurriculares.

Devido às confusões nas interpretações dos dados de outras investigações, geradas pelo emprego indiscriminado dos termos “atividade física” e “exercício físico” durante a análise dos resultados, a presente pesquisa considerará atividade física como qualquer movimento corporal, produzido pelos músculos esqueléticos, que resulta em gasto energético maior do que os níveis de repouso^{II}, exercício físico como toda atividade física planejada, estruturada e repetitiva que tem por objetivo a melhoria e a manutenção de um ou mais componentes da aptidão física^{III} e atividades físico-esportivas todas e quaisquer atividades físicas, de caráter esportivo, recreativo e aprimoramento físico, realizadas no tempo livre.

^{II} CASPERSEN et al. Physical activity, exercise, and physical fitness: definitions and distinctions for health-related research. *Public Health Reports*. 1985;100(2):126-131.

^{III} Idem.

ESTUDO 1

**PREVALÊNCIA DA PRÁTICA DE ATIVIDADES FÍSICO-ESPORTIVAS
EXTRACURRICULARES E FATORES ASSOCIADOS ENTRE
ADOLESCENTES DE 14 E 15 ANOS DE IDADE, ESTUDANTES DA OITAVA
SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO**

Estudo 1

PIMENTA, A.P.A.A. (2007). **Prevalência da prática de atividades físico-esportivas extracurriculares e fatores associados entre adolescentes de 14 e 15 anos de idade de ambos os sexos, matriculados na oitava série do ensino fundamental no município do Rio de Janeiro.** (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação Física/Universidade Gama Filho.

Orientador: Alexandre Palma

Resumo

O presente estudo teve como principal objetivo identificar a prevalência da prática de atividades físico-esportivas extracurriculares entre adolescentes residentes no município do Rio de Janeiro, além de verificar os motivos relacionados à adesão e não adesão à referida prática. Alunos de 14 e 15 anos de idade (n= 1479), matriculados na oitava série do ensino fundamental da rede pública e particular de ensino em 2006, preencheram um questionário com questões abertas e fechadas para identificação das variáveis: sexo, prática de atividades físico-esportivas, frequência semanal de prática, tempo de permanência na prática, atividades praticadas, local de realização e motivos associados à prática e não prática. Os resultados demonstraram que um pouco mais da metade dos estudantes (53,5%) participava de atividades físico-esportivas, e que, entre estes, a maioria praticava acima de 90 minutos por semana (95,5%). O número de meninos que praticava foi significativamente maior do que o de meninas (68,4% e 42,2%, respectivamente), além de participarem num tempo semanal superior e permanecerem envolvidos com a prática durante um período mais longo (acima de um ano de prática: meninos, 63% e meninas, 38%). As atividades mais praticadas pelos meninos foram o futebol (69,6%) e as lutas (13,7%), e pelas meninas, as danças (27,4%) e o vôlei (24%). Os espaços mais freqüentados para a prática extracurricular foram, nesta ordem, o clube, a rua e a escola, pelos meninos, e a academia, a escola e o clube, pelas meninas. Em geral, o motivo mais importante para a prática foi o gosto pela atividade, além do desejo de ser um atleta, para o sexo masculino, e o desejo de ter um corpo bonito, para o sexo feminino. Preocupações com a saúde e a possibilidade de estar com os amigos também foram razões relevantes para praticantes de ambos os sexos. O fato do adolescente se considerar preguiçoso, o custo das atividades, a falta de lugares adequados à prática próximos à residência, e o medo de freqüentar certos locais foram os motivos mais reportados para não adesão. Estes resultados permitem concluir que a prática de atividades físico-esportivas entre os adolescentes é motivada principalmente pelo gosto, embora existam barreiras que dificultam a adesão, especialmente entre o sexo feminino.

Palavras-chaves: Atividades físico-esportivas, Adolescentes.

ESTUDO 1

PREVALÊNCIA DA PRÁTICA DE ATIVIDADES FÍSICO-ESPORTIVAS EXTRACURRICULARES E FATORES ASSOCIADOS ENTRE ADOLESCENTES DE 14 E 15 ANOS DE IDADE, ESTUDANTES DA OITAVA SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO

INTRODUÇÃO

Diferentes autores¹⁻⁵ têm advogado a idéia de que há, em certos países, uma redução do tempo dedicado à prática regular de atividades físico-esportivas no lazer, a partir da adolescência. Além disto, alguns pesquisadores^{4,6-9} defendem a idéia de que a prática regular destas atividades na adolescência poderia ser relevante para a manutenção deste hábito na vida adulta.

No Brasil, os resultados das pesquisas realizadas com o objetivo, entre outros, de verificar o nível de atividade física¹⁰⁻¹¹ e atividade físico-esportiva¹²⁻¹⁶ entre adolescentes apontam para uma forte tendência de redução dos níveis de prática, principalmente entre as meninas¹²⁻¹⁶ e entre aqueles com idades mais avançadas¹², mesmo com a acentuada variação entre os percentuais encontrados nos estudos, causada provavelmente pelo emprego de diferentes metodologias.

Na pesquisa sobre padrões de vida (PPV), realizada entre 1996 e 1997 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística¹⁷, 19,2% dos participantes realizavam exercícios físicos ao menos uma vez por semana. Nesta investigação observou-se, ainda, que os homens praticavam em maior proporção do que as mulheres, 26% e 12,7% respectivamente. Além disso, a faixa etária entre 10 e 19 anos apresentou maior adesão aos exercícios físicos realizados semanalmente (39,9%), ocorrendo uma redução para 17,3% na

faixa seguinte, de 20 a 39 anos. Por outro lado, ao se considerar a prática de no mínimo três dias na semana, durante 30 minutos ou mais, números estes recomendados pelo American College of Sports and Medicine (ACSM)¹⁸, o percentual de 39,9%, citado anteriormente, diminui para 16,1%, assim como ocorreu nas outras faixas etárias e grupos por sexo. De um modo geral, os principais motivos apontados para a prática foram o lazer e a estética (14,3% dos 19,2% de praticantes).

No estudo sobre a atividade física durante o trabalho e o lazer¹⁵, representativo da população de moradores do município do Rio de Janeiro com 12 anos ou mais em 1996, 33,4% dos homens e 13,8% das mulheres, na faixa etária de 12 a 20 anos, relataram realizar regularmente atividades físico-esportivas. Em todas as faixas etárias houve uma menor participação das mulheres.

Em um estudo realizado com o objetivo de investigar a prática de atividades físico-esportivas entre adolescentes na cidade de Niterói (RJ), a partir de uma amostra representativa da população de 14 e 15 anos de idade, de ambos os sexos, matriculados na oitava série da rede pública de ensino, verificou-se uma baixa prevalência de adesão a este comportamento, em ambos os sexos, embora os meninos tenham se revelado mais ativos¹⁴.

Em programas oferecidos pelo SESC (Serviço Social do Comércio) do Distrito Federal¹⁹, os três principais motivos informados pelos indivíduos entre 15 e 20 anos, para justificar a adesão à prática de atividades físico-esportivas, foram: “eu queria ter um corpo mais bonito”, “eu sempre gostei de fazer atividades físico-esportivas” e “melhora meu condicionamento-físico”.

Neste sentido, a motivação inicial dada pela carência de estudos recentes acerca da prevalência de prática de atividades físico-esportivas entre

adolescentes residentes na cidade do Rio de Janeiro e pelo desacordo entre os resultados das investigações, a despeito das diferenças entre os instrumentos, conduziram à presente pesquisa.

Assim, os objetivos deste estudo foram:

a) Identificar a prevalência da prática de atividades físico-esportivas extracurriculares entre adolescentes de 14 e 15 anos de idade, matriculados na oitava série do ensino fundamental no município do Rio de Janeiro em 2006, bem como, a diferença de adesão entre os sexos;

b) Verificar os motivos relacionados à prática e não prática de atividades físico-esportivas extracurriculares entre adolescentes de 14 e 15 anos de idade, matriculados na oitava série do ensino fundamental no município do Rio de Janeiro em 2006.

MÉTODO

População e amostra

A população compreendeu todos os adolescentes na faixa de 14 a 15 anos de idade, de ambos os sexos, matriculados na oitava série do ensino fundamental de escolas da rede pública e particular do município do Rio de Janeiro no ano de 2006, e residentes na mesma cidade.

A amostra foi calculada de acordo com a natureza da escola (pública ou particular). Em relação aos alunos da rede pública, teve como referência o número total de alunos matriculados (31.854) dentro da faixa etária específica do estudo, no ano de 2006, dado este fornecido pela Secretaria Municipal de Educação (SME). Para um erro amostral estipulado em 3%, com nível de confiança de 95% e prevalência presumida de 50% de não prática de atividades físico-esportivas foi estimado o tamanho amostral de 1033

adolescentes. Precavendo-se de possíveis perdas, procurou-se levantar um número pouco maior e atingiu-se um total de 1.084 adolescentes.

A distribuição do número de alunos por CRE (Coordenadoria Regional de Educação) foi estimada a partir dos valores percentuais que cada uma delas comportava, considerando o total de alunos matriculados na oitava série do ensino fundamental do município do Rio de Janeiro.

Com base em dados obtidos no sítio presente na rede internacional de computadores (*internet*) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística / Cidades (IBGE)²⁰ foi realizada uma estimativa da população de alunos matriculados na rede de ensino particular no ano de 2006, através da proporção efetuada entre os números do ensino de 2004 (IBGE) e os números fornecidos pela SME dos alunos matriculados nas oitavas séries em 2006. O resultado final apontou para o universo de 11.216 alunos. Estipulando-se um erro amostral em 5%, com nível de confiança de 95% e prevalência presumida de 50% de não prática de atividades físico-esportivas foi estimado o tamanho amostral de 371 adolescentes, embora tenha sido levantado um total de 395 informantes na rede particular de ensino.

A seleção da amostra compreendeu a escolha, por sorteio, das escolas públicas por cada CRE (Anexo A), através dos dados presentes no sítio na *internet* da SME²¹, e, por conveniência, das escolas particulares, sendo ambas da mesma região geográfica, e, na sua maioria, do mesmo bairro. No total, foram visitadas 20 escolas públicas e 16 particulares (Anexo B).

A seleção dos informantes foi realizada de maneira que as turmas que comportavam o maior número de alunos na faixa etária de interesse do estudo foram as escolhidas para aplicação do questionário, além de só terem respondido aqueles que completariam 14 ou 15 anos no ano de 2006.

Coleta de dados

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário, com questões abertas e fechadas, construído especificamente para a pesquisa (Anexo C), visando à obtenção de informações sobre algumas variáveis, tais como, a prática ou não de algum tipo de atividade físico-esportiva regular; o tempo de prática semanal e de permanência na prática da atividade; o tipo de atividade; os motivos associados à prática e à não prática, entre outras informações relevantes.

O questionário foi previamente testado num estudo piloto realizado com 29 alunos da oitava série do Colégio Pedro II (Unidade Tijuca), em que foi aplicado o procedimento de teste-reteste em um intervalo de dez dias. O grau de concordância entre as duas aferições foi estimado pelo índice Kappa (k). Todos os índices Kappa, que puderam ser calculados, apresentaram-se significativos para $p < 0,05$. Do total de 59 alternativas de respostas relacionadas às 20 perguntas abertas e fechadas, 29 apresentaram índice superior a 0,70; quatro alternativas apresentaram k acima de 0,60; enquanto três mostraram-se abaixo de 0,60. O índice Kappa não foi calculado para as demais 23 alternativas porque, ou não houve citação da alternativa em ambas as aferições (13 casos), ou a alternativa foi citada somente em uma das duas aferições (10 casos).

Os procedimentos para a coleta dos dados foram: a) contato com a Secretaria Municipal de Educação, encaminhamento do projeto e da carta de apresentação da pesquisa sob a égide da Universidade Gama Filho, a fim de conseguir a aprovação para prosseguimento da investigação; b) contato com cada CRE com a autorização fornecida pela SME; c) visita as escolas mediante

apresentação de autorização fornecida pela CRE; d) seleção da(s) turma(s) com o maior contingente de alunos da faixa etária do estudo; e) aplicação dos questionários aos alunos.

Os questionários foram respondidos em salas de aula ou durante as aulas de educação física. No momento da aplicação dos questionários, os alunos foram informados sobre o tema e os objetivos da pesquisa, e sobre a importância e o sigilo da participação de cada um.

O período de coleta dos dados teve início no final de Setembro, após a liberação da pesquisa pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, em meados do mesmo mês, e terminou em Novembro de 2006.

TRATAMENTO ESTATÍSTICO

Para o tratamento estatístico dos dados categóricos foi utilizado o teste do Qui-quadrado. Foi realizada ainda a frequência relativa de cada caso.

RESULTADOS

A Figura 1 mostra a prática de atividades físico-esportivas entre os adolescentes investigados, indicando as diferenças entre os sexos. A ausência do comportamento de prática físico-esportiva extracurricular foi reportada por um contingente menor de pessoas, embora entre as meninas pôde ser constatado o contrário.

A Tabela 1 apresenta determinadas características associadas à referida prática físico-esportiva extracurricular. É possível verificar que o tempo destinado à prática semanal foi superior entre os adolescentes do sexo masculino. O mesmo ocorreu para o tempo, em meses, que se dedicavam à realização das atividades. Utilizando-se o cálculo do Qui-quadrado, os dados

revelaram, para todas as características, diferenças significativas entre os sexos.

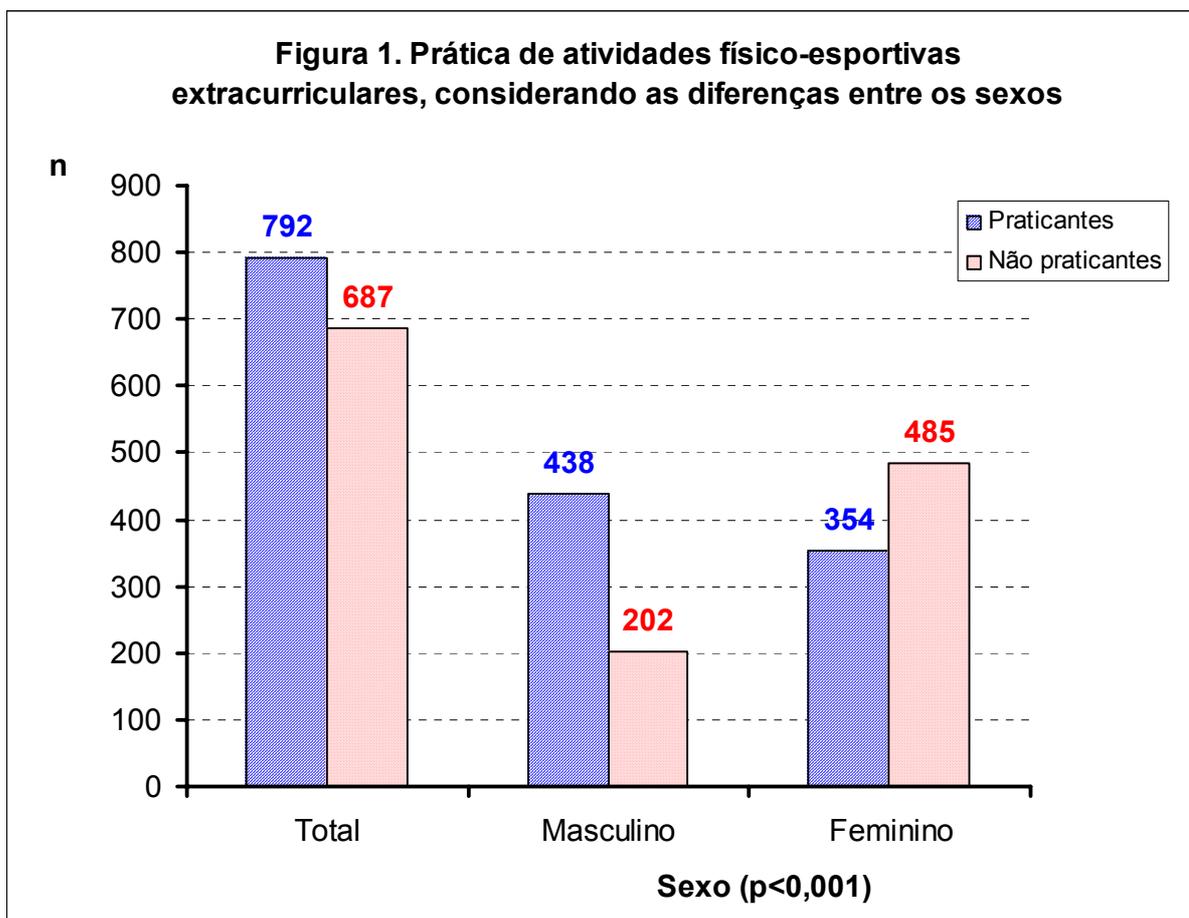


Tabela 1. Características relacionadas à prática de atividades físico-esportivas extracurriculares, considerando as diferenças entre os sexos

Características	Total		Masculino		Feminino		<i>p</i>
	n	%	n	%	n	%	
Tempo de prática semanal em minutos							
< 90 min/sem	35	4,4	17	3,9	18	5,1	< 0,001
Entre 90 e 180 min/sem	150	19,0	62	14,2	88	25,0	
Entre 180 e 300 min/sem	205	25,9	116	26,5	89	25,3	
> de 300 min/sem	400	50,6	243	55,5	157	44,6	
Tempo que pratica							
< de 6 meses	185	23,4	65	14,8	120	34,0	< 0,001
Entre 6 meses e 1 ano	196	24,8	97	22,1	99	28,0	
> de 1 ano	410	51,8	276	63,0	134	38,0	

Em geral, a atividade físico-esportiva mais praticada foi o futebol. Contudo, a elevada prática deste esporte foi decorrente da grande adesão dos meninos. Houve inclusive, uma acentuada diferença entre o percentual de

praticantes de futebol (69,6%) e o percentual dos praticantes de lutas (13,7%) e de natação (12,3%), atividades estas que aparecem como a segunda e a terceira mais praticadas entre os meninos, respectivamente. Entre as jovens do sexo feminino as atividades físico-esportivas com a maior participação foram, respectivamente, danças (27,4%), voleibol (24,0%) e atividades coletivas em academias de ginástica (17,8%) (Tabela 2). Destas seis atividades mais praticadas, a única que não apresentou diferença estatística significativa entre os sexos foi a natação.

Tabela 2. Atividades físico-esportivas praticadas, considerando as diferenças entre os sexos

Atividades físico-esportivas	Total		Masculino		Feminino		p
	n	%	n	%	n	%	
Futebol	349	44,1	305	69,6	44	12,4	< 0,001
Vôlei	129	16,3	44	10,0	85	24,0	< 0,001
Corrida	27	3,4	15	3,4	12	3,4	0,979
Atividades coletivas em academias	74	9,4	11	2,5	63	17,8	< 0,001
Musculação	70	8,8	33	7,5	37	10,5	0,150
Ciclismo	22	2,8	12	2,7	10	2,8	0,942
Lutas	92	11,6	60	13,7	32	9,0	0,042
Danças	107	13,5	10	2,3	97	27,4	< 0,001
Natação	91	11,5	54	12,3	37	10,5	0,410
Basquete	45	5,7	35	8,0	10	2,8	0,002
Handebol	42	5,3	11	2,5	31	8,8	< 0,001
Surf	07	0,9	05	1,1	02	0,6	0,389
Skate	07	0,9	05	1,1	02	0,6	0,391
Caminhada	24	3,0	04	0,9	20	5,6	< 0,001
Tênis	08	1,0	07	1,6	01	0,3	0,066
Ginástica artística	06	0,8	02	0,5	04	1,1	0,277
Jogos	27	3,4	03	0,7	24	6,8	< 0,001
Outros	32	4,0	12	2,7	20	5,6	0,039

Na Tabela 3 é possível observar os espaços onde é realizada a prática de atividades físico-esportivas. Nota-se, por exemplo, que a escola foi eleita como um espaço de grande importância para realização destas atividades, tanto por meninos, quanto por meninas. No entanto, o clube, a rua e a quadra pública foram espaços tipicamente masculinos, enquanto a academia foi de preferência mais feminina.

Tabela 3. Locais em que atividades físico-esportivas são praticadas, considerando as diferenças entre os sexos

Locais	Total		Masculino		Feminino		p
	n	%	n	%	n	%	
Clube	219	27,7	152	34,7	67	18,9	< 0,001
Academia	169	21,3	61	13,9	108	30,5	< 0,001
Escola	187	23,6	110	25,1	77	21,8	0,268
Casa	35	4,4	08	1,8	27	7,6	< 0,001
Rua	200	25,3	139	31,7	61	17,2	< 0,001
Praia	89	11,2	51	11,6	38	10,7	0,687
Praça	112	14,1	86	19,6	26	7,3	< 0,001
Condomínio	56	7,1	38	8,7	18	5,1	0,049
Quadra Pública	154	19,4	111	25,3	43	12,1	< 0,001
Vila Olímpica	37	4,7	18	4,1	19	5,4	0,404
Igreja	10	1,3	04	0,9	06	1,7	0,327
Outros	50	6,3	32	7,3	18	5,1	0,201

Entre os principais motivos indicados pelos adolescentes para justificar a adesão às atividades físico-esportivas, destacaram-se o gosto e o desejo de ter um corpo bonito. Contudo, o gosto pela prática de atividade físico-esportiva foi significativamente maior para os meninos em relação às meninas ($p < 0,05$). Além disto, o desejo de ser atleta foi um ideal significativo para o grupo masculino. Entre as meninas, além do gosto, os dados revelaram ser importante a vontade de ter um corpo bonito, evitar problemas de saúde, e a possibilidade de estar em companhia dos amigos e fazer novas amizades, correspondendo os dois últimos motivos ao terceiro e quarto em importância entre ambos os sexos (Tabela 4).

Nas Tabelas 4 e 5 considerou-se que cada informante pôde reportar até três motivos. Desta forma, totalizou-se um número maior que o tamanho da amostra, gerando o resultado da soma dos valores percentuais acima de 100.

Tabela 4. Principais motivos para adesão às atividades físico-esportivas, considerando as diferenças entre os sexos

Principais motivos para adesão	Total		Masculino		Feminino		p
	n	%	n	%	n	%	
Para evitar problemas de saúde	280	35,4	157	35,8	123	34,7	0,765
Aconselhamento médico	83	10,5	50	11,4	33	9,3	0,353
Desejo de ser atleta	224	28,3	162	37,0	62	17,5	< 0,005
Desejo de ter um corpo bonito	299	37,8	132	30,1	167	47,2	< 0,005
Desejo ou necessidade de emagrecer	148	18,7	44	10,0	104	29,4	< 0,005
Gosta da atividade físico-esportiva que pratica	470	59,3	276	63,0	194	54,8	< 0,05
Gosta de atividades desafiantes	134	16,9	84	19,2	50	14,1	0,07
Desejo de aprender uma nova atividade físico-esportiva	89	11,2	43	9,8	46	13,0	0,175
Proximidade da residência	74	9,3	48	11,0	26	7,3	0,087
Acredita que pessoas que praticam esta atividade físico-esportiva são mais valorizadas	54	6,8	29	6,6	25	7,1	0,887
Possibilidade de estar em companhia dos amigos e fazer novas amizades	262	33,1	148	33,8	114	32,2	0,649
Porque os responsáveis decidiram que é importante praticar alguma atividade físico-esportiva	51	6,4	28	6,4	23	6,5	0,953
Porque as aulas de Educação Física na escola estimularam	100	12,6	56	12,8	44	12,4	0,915
Outros motivos	28	3,5	9	2,1	19	5,4	< 0,05

*Os valores percentuais somam mais de 100 porque os informantes poderiam optar por mais de um motivo.

A Tabela 5 mostra os principais motivos para não adesão. De uma forma geral, observa-se que os adolescentes se consideraram preguiçosos para a prática de atividades físico-esportivas, além de terem dificuldades para enfrentar as adversidades relativas ao custo financeiro, ao deslocamento e/ou à violência urbana. A academia de ginástica sendo um espaço particular e que, portanto, implica em custos, as jovens igualmente relataram que o pagamento pela realização das atividades tem sido um obstáculo.

Tabela 5. Principais motivos para não adesão às atividades físico-esportivas, considerando as diferenças entre os sexos

Principais motivos para não adesão	Total		Masculino		Feminino		p
	n	%	n	%	n	%	
Não gosta de atividades físico-esportivas	118	17,2	25	12,4	93	19,2	< 0,05
Tem a sensação de estar fazendo algo ridículo	55	8,0	20	9,9	35	7,2	0,280
Tem problemas de saúde	49	7,1	22	10,9	27	5,6	< 0,05
Não há lugar próximo da residência	122	17,8	27	13,4	95	19,6	0,062
Medo de freqüentar os lugares próximos à residência	115	16,7	30	14,9	85	17,5	0,433
Falta de afinidade com as pessoas	68	9,9	17	8,4	51	10,5	0,484
Não tem alguém para acompanhar	75	10,9	16	7,9	59	12,2	0,109
Os responsáveis não podem pagar	156	22,7	20	9,9	136	28,0	< 0,005
A religião não permite	5	0,7	5	2,5	0	0,0	< 0,005
Os pais ou responsáveis não permitem	24	3,5	9	4,5	15	3,1	0,369
As aulas de Educação Física na escola não estimularam	101	14,7	25	12,4	76	15,7	0,289
Considera-se preguiçoso	231	33,6	64	31,7	167	34,4	0,535
Faz outras atividades mais legais	72	10,5	20	9,9	52	10,7	0,786
Realiza outras atividades mais importantes	21	3,1	6	3,0	15	3,1	0,932
Realiza cursos e estudos preparatórios	87	12,7	32	15,8	55	11,3	0,130
Realiza trabalho e ou estágio	6	0,9	1	0,5	5	1,0	0,676
Falta de tempo	43	6,3	17	8,4	26	5,4	0,165
Outros motivos	53	7,7	17	8,4	36	7,4	0,641

*Os valores percentuais somam mais de 100 porque os informantes poderiam optar por mais de um motivo.

DISCUSSÃO

Estudos epidemiológicos que tratam da questão da prevalência da prática de atividades físico-esportivas vêm sendo realizados com mais freqüência em todo o mundo possivelmente devido aos prováveis benefícios advindos desta prática para a prevenção de doenças. Porém a preocupação com a população de adolescentes é mais recente. Até onde se pôde verificar, a presente pesquisa é uma das poucas existentes sobre os hábitos de estudantes adolescentes residentes na cidade do Rio de Janeiro.

Os percentuais encontrados para a prevalência da prática de atividades físico-esportivas extracurriculares entre os estudantes adolescentes no município do Rio de Janeiro situam-se entre os maiores e menores valores

encontrados nos estudos nacionais^{12-17,22}. Além disto, foi confirmada a tendência dos meninos serem mais ativos que as meninas durante a adolescência^{12-17,22,23}. Uma provável explicação para isto pode residir na diferenciação cultural que atribui diferentes papéis de cuidados e estímulos aos dois sexos desde a infância, quando geralmente os meninos são mais incentivados às práticas físicas do que as meninas²⁶.

O confronto com os números das pesquisas desenvolvidas em outros países apresentou os percentuais de prevalência de forma semelhante: valores abaixo^{26,32}, ou acima^{25;27-28;34} deste estudo, ratificando geralmente a maior participação dos meninos na realização de atividades físicas^{24-25,27-29} e físico-esportivas^{26,30-32}, com exceção da surpreendente revelação de dois estudos³³⁻³⁴, em que meninas chinesas e coreanas, estudantes do 5º e 8º anos apresentaram-se mais ativas que os meninos da mesma idade e ano escolar, e os níveis de prática de atividade físico-esportiva extracurricular entre italianas de 11 a 17 anos, cujos valores foram mais elevados (OR = 1,27; 95% CI: 1,04 – 1,56) que os dos meninos italianos.

No estudo com os estudantes orientais³³, o nível de atividade física foi calculado a partir da razão do dispêndio energético diário total sobre a taxa metabólica basal estimada, resultando sempre em níveis mais altos de atividade física entre as meninas. Contudo, caso tivesse considerado os valores de atividade física somente a partir do dispêndio energético (sempre maiores no sexo masculino), conforme outros estudos^{13,15,24-25,27-28}, o resultado de níveis mais elevados seria a favor do sexo masculino.

De um modo geral, os resultados apresentados sobre a diferença entre os sexos referiram-se ao tempo de atividades física e físico-esportiva vigorosa ou intensa^{24-25;27-33}, que foi mais elevado entre os adolescentes do sexo

masculino. Esta informação representa uma limitação do presente estudo, pois não foi questionado se nos momentos de práticas extracurriculares as atividades físico-esportivas eram realizadas de forma intensa^{4,30,39,44}.

A grande dificuldade na comparação dos resultados entre este e outros estudos sobre prevalência reside no fato de que as metodologias empregadas têm sido diferentes. Em específico, as investigações têm utilizado instrumentos de medida bastante distintos^{10-16,24-34}; as definições adotadas para os termos atividade física ou atividade físico-esportiva se confundem^{14-16,26,34}; e, as pesquisas abrangem variadas faixas etárias^{12,15-16}. Além disto, os níveis de prática de atividade física e atividade físico-esportiva têm sido medidos através da frequência de prática semanal e respectiva duração^{12-17,22,26,30-32,34}, e/ou da intensidade da prática, a partir de estimativas do dispêndio energético^{13,15,24-25,27-28,33}. De um modo geral, os domínios da atividade física em adolescentes incluem: o lazer (com ou sem instrutor); a forma de deslocamento para escola (ativo ou passivo); as atividades escolares (aulas de educação física, recreio); e em algumas situações, as atividades domésticas e de trabalho. No presente estudo, foi considerada apenas a realização de atividades físicas com caráter esportivo, recreativo e de aprimoramento físico realizadas no tempo livre/lazer, levando-se em conta o tempo de prática semanal em minutos e o tempo de dedicação a essas atividades em meses.

A maioria dos adolescentes praticantes de atividades físico-esportivas demonstrou atender às recomendações do ACSM¹⁸, quanto ao tempo de prática semanal (mínimo de 30 minutos por três vezes na semana), visto que 96,2% dos meninos e 94,9% das meninas relataram exercitar-se 90 minutos ou mais por semana. Mas, analisando os valores por faixa, observou-se que este tempo foi significativamente maior entre os meninos ($p < 0,001$). Tendência

similar aconteceu nos achados do estudo de Hallal²², realizado na cidade de Pelotas (RS), que apresentou uma média de atividade física semanal de 300 e 185 minutos entre meninos e meninas de 10 a 12 anos. Estes dados, no entanto, são diferentes em relação aos valores do tempo dedicado às atividades físico-esportivas na pesquisa de Guedes *et al.* realizada em Londrina¹³ que foram bem inferiores (200 e 48 minutos por semana), possivelmente devido à faixa etária entre 15 e 18 anos, momento em que, segundo sugestões de outros pesquisadores³⁵⁻³⁶, os adolescentes tendem a substituir as atividades fisicamente mais intensas por outras julgadas de maior importância como, o aumento do número de horas de estudo, a entrada no mercado de trabalho e o convívio social com amigos.

Estudantes italianos³⁴ entre 11 e 17 anos, com média de idade de 12 anos, informaram participar de atividades físico-esportivas extracurriculares numa média de tempo semanal próxima aos valores apresentados no presente estudo: de uma a duas horas semanais, 20,2%; de três a quatro horas, 23,8%; e acima de cinco horas, 56%.

Os números referentes ao tempo de permanência na prática das atividades físico-esportivas revelaram que grande parte dos adolescentes do município do Rio de Janeiro dedicava-se à atividade de sua preferência há pelo menos seis meses, demonstrando que esta prática não é transitória, o que contradiz a opinião de Dishman³⁷ de que aproximadamente metade dos praticantes abandona a atividade físico-esportiva escolhida em menos de seis meses, contados a partir do dia de ingresso na atividade. Apesar da elevada taxa de permanência (66%), as meninas praticavam suas atividades há menos tempo que os meninos.

Na análise das atividades físico-esportivas mais praticadas, o futebol teve elevado destaque graças à grande adesão dos meninos (69,6%), o que reforça a forte influência deste esporte na prática de jovens estudantes, fato demonstrado também em outras pesquisas realizadas entre adolescentes no território brasileiro^{14,16,23}. Entre as meninas, a preferência foi a dança, modalidade que também ocupou lugar de destaque em outras investigações acerca do tema^{14,23}. Segundo Allender *et al.*⁴², a dança é popular entre as jovens, pois promove a oportunidade de diversão e prazer sem a competição. O voleibol foi outra atividade físico-esportiva muito reportada entre as informantes do sexo feminino, tal qual o trabalho desenvolvido por Hallal *et al.* em Pelotas¹⁶. Assim, possivelmente, esta é a modalidade esportiva coletiva com bola mais praticada entre as adolescentes residentes na cidade do Rio de Janeiro.

Uma pesquisa envolvendo estudantes norte-americanos³⁸ revelou que o futebol e o vôlei não aparecem entre as atividades físico-esportivas mais praticadas. Todavia, estes dois esportes figuraram entre as atividades de grande adesão entre adolescentes finlandeses (o futebol, entre meninos dos 9 aos 18 anos e o voleibol, entre as meninas de 15 a 18 anos)³⁹. Além disto, embora estivessem incluídas entre as atividades curriculares do ensino fundamental das escolas italianas³⁴, o voleibol figurou como a atividade esportiva mais praticada nas aulas de Educação Física, enquanto o futebol foi a de menor índice de prática, a despeito da popularidade deste esporte no cenário italiano. Curiosamente, ao serem analisadas as atividades extra-escolares mais praticadas pelos jovens italianos, a posição se inverteu, sendo o futebol a de maior ocorrência, e o vôlei assumindo a quarta posição.

Os locais mais utilizados pelos adolescentes para a prática de atividades físico-esportivas extracurriculares coincidiram com o estudo de Pasko²³, apesar da escola não ter feito parte na análise sobre estas atividades. Os espaços tipicamente masculinos, representados pelo clube, a rua e a quadra pública merecem algumas análises: o clube foi citado como o lugar mais utilizado por aqueles que desejam ser um atleta; a rua e a quadra pública são locais que podem oferecer aventura e risco, seduzindo os meninos justamente por possuírem tais características. De acordo com DaMatta⁴⁰, existe uma cultura ou código da casa, avesso às mudanças e regidas por julgamentos morais, tal como a escola. Por outro lado, existe uma cultura ou código da rua, que se manifesta como lugar dos imprevistos, da falta de controle, do conflito, da novidade e da ação.

A comparação dos locais mais freqüentados pelos meninos para a prática do futebol (rua, clube, quadra pública e escola) e os principais motivos para a prática desta atividade (gosto, desejo de ser atleta e evitar problemas de saúde) permite supor que a maioria dos adolescentes praticantes de futebol gosta deste esporte, mas nem todos aspiram ser um atleta, pois o espaço mais utilizado, antes do clube, foi a rua. Situação semelhante ocorreu no estudo de Pasko²³, onde as atividades extra-escolares mais praticadas pelos meninos foram o futebol de campo e o futsal, enquanto que as principais motivações se referiram ao prazer, com o motivo “desejo de ser atleta” ocupando somente a quarta colocação.

A academia foi o espaço de preferência feminina, possivelmente porque é freqüentado para a melhoria ou a manutenção da estética corporal, segundo os padrões vigentes, e também porque é o local onde geralmente são oferecidas as aulas de dança, conforme comenta Pasko²³. Academia e escola

foram os lugares mais freqüentados pelas meninas, provavelmente porque além da possibilidade de estar em companhia dos amigos e fazer novas amizades, motivo bastante relevante para a prática⁴¹⁻⁴⁴ físico-esportiva entre meninas, constituem locais mais seguros para a sua permanência. Neste sentido, estes espaços têm analogia com a concepção de casa apresentada por DaMatta⁴⁰, que remete ao local de calor, afeto e de maior intimidade; ao universo social controlado, onde as coisas estão em seu devido lugar. Comparando as Tabelas 2 e 3, é possível supor que a menor utilização do clube pelas meninas, apesar de ser um lugar seguro, tenha ocorrido devido à baixa oferta das atividades preferidas das meninas neste local, no caso, a dança e as atividades coletivas de academias.

Segundo o modelo sugerido por Spence *et al.*⁴¹, e adaptado por outros pesquisadores^{42-43,45}, existem três domínios que influenciam a adesão à atividade físico-esportiva: o intrapessoal, caracterizado por fatores biológicos, psicológicos e comportamentais; o social, que corresponde ao suporte dos “outros significantes”⁴²⁻⁴³ ou “agentes de socialização”³¹ (pais, irmãos, amigos, professores e técnicos); e o ambiental, que inclui a proximidade do local de prática, a facilidade de deslocamento (transporte), o custo da atividade, as facilidades em relação ao uso de bons equipamentos e acesso a locais esteticamente bem cuidados e preservados, e a segurança local.

No presente estudo, os três principais motivos informados pelos adolescentes para justificar a adesão às atividades físico-esportivas praticadas (“gostar da atividade físico-esportiva”; “desejo de ter um corpo bonito”; e “evitar problemas de saúde”) coincidiram, quase todos, com os motivos apresentados pelos indivíduos entre 15 e 20 anos na pesquisa realizada no SESC do Distrito Federal¹⁹, excetuando-se somente o “evitar problemas de saúde”, que naquela

pesquisa teve “melhora o meu condicionamento físico”, representando o terceiro motivo principal. O gosto parece ser o principal norteador da conduta dos adolescentes em relação à prática de atividades físico-esportivas, pois no estudo de Pasko²³ também foi o motivo de maior importância.

Na análise entre os sexos, o motivo feminino “desejo de ter um corpo bonito” também ocupou a segunda posição entre as meninas do estudo de Pasko²³, e foi o principal motivo na pesquisa do SESC¹⁹ entre os praticantes de 15 a 20 anos, provavelmente porque esta faixa-etária compreendeu um número maior de mulheres. Este motivo aliado “ao desejo ou necessidade de emagrecer” demonstra o valor que a estética corporal possui para o imaginário feminino, principalmente entre as jovens⁴²⁻⁴⁴. Sustentando esta idéia, os motivos mais importantes informados pelas adolescentes freqüentadoras de academias desta pesquisa foram os mesmos: “ter um corpo bonito” com 64,8% de prevalência, “emagrecer”, 47,2%, e a preocupação com a “saúde”, 39,8%. Curiosamente, neste caso, “gostar da atividade físico-esportiva” assumiu uma posição inferior, apesar de ter sido o principal motivo do sexo feminino para adesão às atividades físico-esportivas na análise geral.

O motivo masculino “desejo de ser um atleta” não teve a mesma relevância para os meninos do estudo conduzido por Pasko²³ na cidade do Rio de Janeiro. Surpreendente foi o motivo “evitar problemas de saúde” destacar-se como o terceiro principal em ambos os sexos, visto que não é comum existir esta preocupação entre os mais jovens⁴², assim como o motivo “estar em companhia dos amigos e fazer novas amizades” ocupar uma posição inferior, uma vez que alguns estudos⁴¹⁻⁴³ revelam a forte influência que os amigos têm no ingresso e permanência em atividades físico-esportivas, principalmente entre os meninos. De acordo com a pesquisa realizada por Humbert *et al.*⁴¹,

com adolescentes entre 12 e 18 anos, são os amigos que proporcionam e compartilham momentos engraçados e divertidos durante as práticas esportivas.

Analisando os resultados de um modo geral, verificamos que os fatores motivacionais para a prática de atividades físico-esportivas pelos adolescentes do município do Rio de Janeiro referem-se, principalmente, aos domínios intrapessoal e social, conforme sugerido por Humbert *et al.*⁴¹.

Em relação às barreiras para a prática de atividades físico-esportivas parece que fatores intrapessoais e ambientais constituem as principais. Neste estudo, “considerar-se preguiçoso” foi o principal motivo de não adesão dos adolescentes de ambos os sexos, o que sugere uma futura questão a investigar: estes adolescentes de fato são preguiçosos, ou não foram motivados para a prática esportiva dentro ou fora da escola? Em estudo de revisão realizado por Allender *et al.*⁴², cujo objetivo foi compreender as razões para a participação e não-participação de crianças, adolescentes e adultos em atividades físico-esportivas, foi constatado, entre os motivos de não-adesão, as experiências negativas de adolescentes femininas durante as aulas de educação física, experiências estas que se referiam ao uniforme indesejável, ao conflito de auto-imagem (desejo de uma aparência feminina atrativa x imagem muscular e de suor), à natureza competitiva das aulas, à falta de suporte dos professores, coniventes com as perturbações dos meninos em relação à falta de habilidade das meninas nos jogos e no uso dos equipamentos, e à incapacidade de demonstrar aos seus pares a competência sobre uma habilidade. Thompson *et al.*⁴³ observaram situações de constrangimento parecidas nas recordações de mulheres e homens adultos

não praticantes de atividades físico-esportivas sobre as aulas de educação física.

Além disto, Thompson *et al.*⁴³ evidenciaram ainda que a percepção das diferenças corporais (menor estatura e/ou inferior idade maturacional) e da baixa habilidade motora por alguns destes homens, em comparação aos seus semelhantes mais bem dotados, também constituíram fatores limitantes à prática de atividade físico-esportiva durante a adolescência.

As dificuldades com a falta de proximidade de lugares adequados para a prática, o medo da violência urbana e o custo das atividades – as preferidas das meninas são atividades pagas – também foram citados em outros estudos^{25;41-42;46} como obstáculos para a prática.

CONCLUSÃO

Um pouco mais da metade dos adolescentes entre 14 e 15 anos, residentes no município do Rio de Janeiro, participa de atividades físico-esportivas no tempo livre e as meninas representam a menor parte deste universo. Estes resultados são importantes, visto que geralmente é a partir da adolescência que há um decréscimo no comportamento em direção à prática físico-esportiva.

As barreiras para esta prática entre os mais jovens são caracterizadas principalmente por fatores intrapessoais e ambientais que incluem: a carência de recursos financeiros, a falta de locais apropriados próximos à residência e a insegurança nos locais de prática. Entre os motivos de adesão destacam-se o gosto pela atividade, o desejo de ter um corpo bonito, o desejo de ser atleta, o propósito de evitar problemas de saúde e estar em companhia dos amigos. As

atividades preferidas dos meninos são o futebol e as lutas, enquanto que para as meninas, as danças e o vôlei.

Deste modo, medidas de intervenção que visem o aumento dos números da prevalência devem considerar tanto os impedimentos quanto os facilitadores da prática físico-esportiva entre os jovens, especialmente do universo feminino, e devem estar baseadas nos referenciais de prazer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Sallis JF, Buono MJ, Roby JJ, Micale FG, Nelson JA. Seven day recall and other physical activity self reports in children and adolescents. **Med Sci Sports Exerc.** 1993;25:99-108.
2. Kemper H. The natural history of physical activity and aerobic fitness in teenagers. In: Dishman, R. (Ed.). **Advances in exercise adherence.** Champaign: Human Kinetics Books; 1994. p. 293-318.
3. Pate RR, Pratt M, Blair SN, Haskell WL, Macera CQ, Bouchard C, et al. Physical activity and public health: recommendation from the centers for disease control and prevention and the American College of Sports Medicine. **JAMA.** 1995;273:402-7.
4. Telama R, Yang X. Physical activity in childhood and adolescence as predictor of physical activity in young adulthood. **Am J Prev Med.** 1997; 13(4):317-23.
5. Caspersen CJ, Pereira MA, Curran KM. Changes in physical activity patterns in the United States, by sex and cross-sectional age. **Med Sci Sports Exerc.** 2000;32:1601-9.
6. Glenmard B, Hedberg G, Jansson E. Prediction of physical activity level in adulthood by physical characteristics, physical performance and physical activity in adolescence: in 11 - year follow-up study. **Euro J Applied Physiology.** 1994;69:530-8.
7. Epstein LH, Coleman KJ, Myers MD. Exercise in treating obesity in children and adolescents. **Med Sci Sports Exerc.** 1996;28(4):428-35.
8. Trudeau F, Laurencelle L, Tremblay J, Rajic M, Shepard R. Daily primary school physical education: effects on physical activity during adult life. **Med Sci Sports Exerc.** 1999;31:111-17.
9. Telama R, Yang X. Decline of physical activity from youth to young adulthood in Finland. **Med Sci Sports Exerc.** 2000;32:1617-22.

10. Matsudo SMM, Araújo TL, Matsudo VKR, Andrade DR, Valquer W. Nível de atividade física em crianças e adolescentes de diferentes regiões de desenvolvimento. **Rev Méd Ativ Fís Saúde**. 1998;3:14-26.
11. Pinho RA, Petroski EL. Nível habitual de atividade física e equilíbrio energético de adolescentes. **Rev Bras Ativ Fís Saúde**. 1999;4:5-16.
12. Oehlschlaeger MH, Pinheiro R, Horta B, Gelatti C, Sant'ana P. Prevalência e fatores associados ao sedentarismo em adolescentes de área urbana. **Rev Saúde Pública**. 2004;38(2):157-63.
13. Guedes DP, Guedes JERP, Barbosa DS, Oliveira JA. Níveis de prática de atividade física habitual em adolescentes. **Rev Bras Med Esporte**. 2001;7:187-99.
14. Silva RCR, Malina RM. Nível de atividade física em adolescentes do Município de Niterói, Rio de Janeiro. **Cad. Saúde Pública**. 2000;16(4):1091-97.
15. Gomes VB, Siqueira KS, Sichieri R. Atividade física em uma amostra probabilística da população do Município do Rio de Janeiro. **Cad. Saúde Pública**. 2001;17(4):969-76.
16. Hallal PC, Bertoldi AD, Gonçalves H, Victora CG. Prevalência de sedentarismo e fatores associados em adolescentes de 10-12 anos de idade. **Cad. Saúde Pública**. 2006;22(6):1277-87.
17. IBGE. **Pesquisa sobre padrões de vida 1996-1997**. Rio de Janeiro: IBGE, 1999.
18. ACSM. The recommended quantity and quality of exercise for developing and maintaining cardiorespiratory and muscular fitness, and flexibility in healthy adults. **Med Sci Sports Exerc**. 1998;30(6):975-91.
19. Castro MS. **Motivos que influenciam a adesão à prática de exercícios físicos, nos programas oferecidos pelo Serviço Social do Comércio (SESC), no Distrito Federal**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação Física e Cultura, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2006.
20. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *RJ – Capital, Informações estatísticas: Ensino – matrículas, docentes e rede escolar 2004*. Disponível em URL: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/> [2006 set 16].
21. Secretaria Municipal de Educação (SME). *Pesquisa de escolas, creches, programas e CREs*. Disponível em URL: <http://www.rio.rj.gov.br/sme/index.php> [2006 set 16].
22. Hallal PC, Wells JC, Reichert FF, Anselmi L, Victora CG. Early determinants of physical activity in adolescence: prospective birth cohort study. **BMJ**. 2006; 332(7548):1002-7.

23. Pasko VC. **A popularidade do handebol no contexto escolar e extra-escolar do Rio de Janeiro**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação Física e Cultura, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2005.
24. Trost SG., Pate RR, Sallis JF, Freedson PS, Taylor WC, Dowda M, et al. Age and gender differences in objectively measured physical activity in youth. **Med Sci Sports Exerc.** 2002;34(2):350-5.
25. Li M, Dibley MJ, Sibbritt D, Yan H. Factors associated with adolescents' physical inactivity in Xi'an City, China. **Med Sci Sports Exerc.** 2006;38(12):2075-85.
26. Lasheras L, Aznar S, Merino B, Lopez EG. Factors associated with physical activity among Spanish youth through the National Health Survey. **Prev Med.** 2001;32(6):455-64.
27. Klasson-Heggebo L, Andersen SA. Gender and age differences in relation to the recommendations of physical activity among Norwegian children and youth. **Scand J Med Sci Sports.** 2003;13(5):293-8.
28. Riddoch CJ, Bo Andersen L, Wedderkopp N, Harro M, Klasson-Heggebo L, Sardinha LB, et al. Physical activity levels and patterns of 9 and 15-yr-old European children. **Med Sci Sports Exerc.** 2004;36(1):86-92.
29. Armstrong N, Welsman JR. The physical activity patterns of European youth with reference to methods of assessment. **Sports Med.** 2006;36(12):1067-86.
30. Inchley JC, Currie DB, Todd JM, Akhtar PC, Currie CE. Persistent socio-demographic differences in physical activity among Scottish schoolchildren 1990-2002. **Eur J Public Health.** 2005;15(4):386-8.
31. Vilhjalmsson R, Kristjansdottir G. Gender differences in physical activity in older children and adolescents: the central role of organized sport. **Soc Sci Med.** 2003;56(2):363-74.
32. Kristjansdottir G, Vilhjalmsson R. Socio-demographic differences in patterns of sedentary and physically active behavior in older children and adolescents. **Acta Paediatr.** 2001;90(4):429-35.
33. Yamauchi T, Kim SN, Lu Z, Ichimaru N, Maekawa R, Natsuhara K, et al. Age and gender differences in the physical activity patterns of urban schoolchildren in Korea and China. **J Physiol Antropol.** 2007;26(2):101-7.
34. La Torre G, Masala D, De Vito E, Langiano E, Capelli G, Ricciardi W. Extra-curricular physical activity and socioeconomic status in Italian adolescents. **BMC Public Health.** 2006;6:22.
35. Sallis JF, Simons-Morton BG, Stone EJ, Corbin CB, Epstein LH, et al. Determinants of physical activity and interventions in youth. **Med Sci Sports Exerc.** 1992;24:S248-57.

36. Raudsepp L, Viira R. Sociocultural correlates of activity in adolescents. ***Pediatric Exercise Science***. 2000;12:51-60.
37. Dishman RK. ***Exercise adherence: its impact on public health***. Champaign: Human Kinetics; 1998.
38. Aaron DJ, Storti KL, Robertson RJ, Kriska AM, La Porte RE. Longitudinal study of the number and choice of leisure time physical activities from mid to late adolescence: implications for school curricula and community recreation programs. ***Arch Pediatr Adolesc Med***. 2002;156(11):1075-80.
39. Telama R, Yang X, Viikari J, Valimaki I, Wanne O, Raitakari O. Physical activity from childhood to adulthood: a 21-year tracking study. ***Am J Prev Med***. 2005;28(3):267-73.
40. DaMatta, R. ***Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro***. Rio de Janeiro: Rocco; 1997.
41. Humbert ML, Chad KE, Spink KS, Muhajarine N, Anderson KD, Bruner MW, et al. Factors that influence physical activity participation among high and low SES youth. ***Qual Health Res***. 2006;16(4):467-83.
42. Allender S, Cowburn G, Foster C. Understanding participation in sport and physical activity among children and adults: a review of qualitative studies. ***Health Educ Res***. 2006;21(6):826-35.
43. Thompson AM, Humbert ML, Mirwald RL. A longitudinal study of the impact of childhood and adolescent physical activity experiences on adult physical activity perceptions and behaviors. ***Qual Health Res***. 2003;13(3):358-77.
44. Saxena R, Borzekowski DL, Rickert VI. Physical activity levels among urban adolescent females. ***J Pediatr Adolesc Gynecol***. 2002;15(5):279-84.
45. Baranowski T, Bar-Or O, Blair S, Corbin C, Dowda M, Freedson P, et al. Guidelines for school and community programs to promote lifelong physical activity among young people. ***MMWR***. 1997;46(RR-6):1-36.
46. Mota J, Almeida M, Santos P, Ribeiro JC. Perceived neighborhood environments and physical activity in adolescents. ***Prev Med***. 2005;41(5-6): 834-6.

ESTUDO 2

**ASSOCIAÇÃO DA CONDIÇÃO SOCIOECONÔMICA COM A PRÁTICA
REGULAR DE ATIVIDADES FÍSICO-ESPORTIVAS EXTRACURRICULARES
ENTRE ADOLESCENTES DE 14 E 15 ANOS DE IDADE,
ESTUDANTES DA OITAVA SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL
NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO**

Estudo 2

PIMENTA, A.P.A.A. (2007). **Associação da condição socioeconômica com a prática regular de atividades físico-esportivas extracurriculares entre adolescentes de 14 e 15 anos de idade, matriculados na oitava série do ensino fundamental no município do Rio de Janeiro.** (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação Física/Universidade Gama Filho.

Orientador: Alexandre Palma

Resumo

O presente estudo teve como objetivo principal analisar a associação da condição socioeconômica com a prática de atividades físico-esportivas extracurriculares entre adolescentes residentes no município do Rio de Janeiro. Alunos de 14 e 15 anos de idade (n= 1479), matriculados na oitava série do ensino fundamental da rede pública e particular de ensino em 2006, preencheram um questionário com questões abertas e fechadas para identificação das variáveis: sexo, prática de atividades físico-esportivas, grau de instrução do chefe da família, classe social, IDH do bairro da residência do estudante e principais motivos de adesão e não adesão. Os resultados indicaram uma forte associação das variáveis sexo e classe social com a prática de atividade físico-esportiva, visto que os meninos, independente do nível social, mostraram-se muito mais ativos que as meninas, e tanto os meninos quanto as meninas das classes mais altas praticavam mais do que aqueles pertencentes às classes inferiores. Não houve diferenças significativas entre o número de estudantes das escolas públicas e das escolas particulares que declararam praticar atividades físico-esportivas no tempo livre. Do mesmo modo, o nível de instrução do chefe da família do adolescente não demonstrou grande influência sobre a prática investigada, de acordo com a análise multivariada. As análises indicaram que os adolescentes que moravam em bairros cujo IDH é igual ou superior a 0,900 apresentaram uma maior adesão à prática de atividades físico-esportivas (63,7%) do que os que moravam em bairros com IDH mais baixo (51,8%). O motivo mais importante para a prática entre os adolescentes de todas as classes foi o gosto pela atividade. O motivo mais relevante de não adesão entre os jovens das classes A, B e C foi considerar-se preguiçoso para a prática físico-esportiva, enquanto entre os da classe D foi a falta de proximidade de lugar adequado à prática. É possível concluir, portanto, que existe uma relação positiva entre a prática de atividades físico-esportivas e as condições socioeconômicas dos adolescentes residentes no município do Rio de Janeiro.

Palavras-chaves: Atividades físico-esportivas, Adolescentes, Condições socioeconômicas.

ESTUDO 2

ASSOCIAÇÃO DA CONDIÇÃO SOCIOECONÔMICA COM A PRÁTICA REGULAR DE ATIVIDADES FÍSICO-ESPORTIVAS EXTRACURRICULARES ENTRE ADOLESCENTES DE 14 E 15 ANOS DE IDADE, ESTUDANTES DA OITAVA SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO

INTRODUÇÃO

A expressão “condição socioeconômica” tem sido definida a partir de alguns indicadores, tais como, renda familiar, posse e quantidade de determinados bens, nível de escolaridade e situação profissional, que permitem situar os indivíduos dentro de uma classificação comumente chamada de “classe social”. Os indivíduos pertencentes às classes sociais mais baixas normalmente não têm acesso aos serviços e bens necessários a uma sobrevivência adequada, e desta forma têm sido chamados de “excluídos”¹.

A exclusão social é caracterizada, num primeiro momento, pela pobreza material advinda, entre outros, da má distribuição de renda que se amplia cada vez mais em várias sociedades e que interfere na possibilidade de satisfazer as necessidades básicas dos indivíduos. Dupas², por exemplo, revendo o conceito do termo para seu estudo, delimita-o ao enfoque sobre a pobreza, a qual é considerada a principal dimensão da exclusão, uma vez que aquela dificulta o acesso real aos serviços e bens de consumo julgados adequados a uma sobrevivência digna.

Contudo, definir o termo "exclusão social" por um aspecto estritamente econômico parece não ser conveniente, já que sua definição é bem mais complexa. Demo³ frisa que a pobreza material é sempre marcante, mas que o processo de exclusão passa pela perda do senso de pertencimento, uma vez

que os indivíduos experimentam um abandono geral, e também a incapacidade de reagir, o que caracteriza um estado de vulnerabilidade social decorrente das condições sociais de vida desfavoráveis.

De fato, os excluídos carecem dos bens e serviços necessários, mas é preciso considerar também que o centro da questão passa pela precariedade da cidadania. Bauman⁴ salienta que os "excluídos" são tratados pela sociedade como "estranhos", aos quais foram negados os recursos de construção da identidade e, deste modo, os instrumentos e condições de formação e exercício da cidadania. Portanto, o aspecto político da exclusão revela que seu maior problema é a falta de cidadania, que impede os excluídos de perceberem como as carências são impostas e as oportunidades obstruídas.

Alguns estudos⁵⁻⁷, realizados em diferentes populações, demonstraram existir uma relação direta entre as condições socioeconômicas e a prática regular de atividades físico-esportivas. Na clássica investigação ocorrida na França⁵, sobre as classes sociais e o corpo, foi constatado que esta prática diminuía conforme decrescia a classe social, analisada segundo a categoria profissional.

No estudo realizado a partir de uma amostra representativa da comunidade do Harlem em Nova Iorque⁶ foi observado que o nível educacional e a renda associavam-se inversamente à inatividade física tanto nos homens quanto nas mulheres, apesar de ter havido significância estatística somente em relação às mulheres. Na Austrália, os indivíduos com maior nível escolar participavam mais de atividades físico-esportivas no lazer do que os de menor escolaridade⁷.

Os resultados desses estudos sugerem que, talvez, não seja a condição do país, desenvolvido ou em desenvolvimento, que defina o nível de adesão às

atividades físico-esportivas da população, mas, provavelmente, a classe social a qual o indivíduo pertence.

Pesquisas realizadas no território brasileiro⁸⁻¹² também têm defendido a idéia de que o grau de escolaridade, a renda da família e a situação profissional são indicadores que interferem na questão da adesão à atividade físico-esportiva.

No estudo⁸ sobre os motivos que influenciam a adesão à prática de atividades físico-esportivas, pelos indivíduos a partir de 15 anos de idade, nos programas oferecidos pelo SESC (Serviço Social do Comércio) do Distrito Federal, no ano de 2005, os resultados indicaram que a maior parte dos praticantes havia concluído o ensino médio ou o superior, e que quase 60% trabalhavam e possuíam uma renda familiar situada entre as faixas de R\$ 1.800,01 a R\$ 3.000,00 (25,3%) e acima de R\$ 3.000,00 (33%), confirmando, portanto, a noção de que indivíduos de classe sociais mais elevadas realizam estas atividades com maior adesão.

Palma *et al.*⁹ verificaram que, na cidade do Rio de Janeiro, a prática de atividades físico-esportivas foi maior entre moradores de bairros cujo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) era mais elevado e tinha menor taxa de mortalidade por armas de fogo. Além disto, a escolaridade e a renda exerceram forte influência na adesão a estas atividades.

Na pesquisa sobre a atividade física realizada no trabalho e no lazer¹⁰ com uma amostra probabilística de 4.331 indivíduos com 12 anos ou mais, também moradores do município do Rio de Janeiro, participantes de um inquérito domiciliar em 1996, as pesquisadoras constataram, entre outras, que os indivíduos de baixa escolaridade apresentaram-se menos propensos a realizar atividade física de lazer.

Do mesmo modo, em estudo realizado na oitava série da rede pública de ensino da cidade de Niterói (RJ), foi observada uma tendência de baixa prática de atividades físico-esportivas entre a maioria dos jovens pertencentes a famílias com baixo poder aquisitivo¹¹.

Em pesquisa realizada no ano de 2002, sobre a prevalência e os fatores associados ao sedentarismo em adolescentes, em que sedentário foi considerado aquele cuja participação em atividades físicas era menor que vinte minutos diários e a frequência inferior a três vezes por semana, concluiu-se que ser do sexo feminino, pertencer à classe social baixa, ter uma baixa escolaridade e ser filho de mãe com baixa escolaridade são fatores associados ao sedentarismo¹².

A motivação deste estudo surgiu da carência de pesquisas recentes sobre a relação entre prática de atividades físico-esportivas de adolescentes residentes na cidade do Rio de Janeiro e classes sociais. Desta forma, o objetivo foi analisar a associação da condição socioeconômica com a prática regular de atividades físico-esportivas extracurriculares entre adolescentes de 14 e 15 anos de idade, matriculados na oitava série do ensino fundamental no município do Rio de Janeiro em 2006.

MÉTODO

População e amostra

A população compreendeu todos os adolescentes, na faixa de 14 a 15 anos de idade, de ambos os sexos, matriculados na oitava série do ensino fundamental de escolas da rede pública e particular do município do Rio de Janeiro no ano de 2006, e residentes na mesma cidade.

A amostra foi calculada de acordo com a natureza da escola (pública ou particular). Em relação aos alunos da rede pública, teve como referência o número total de alunos matriculados (31.854) dentro da faixa etária específica do estudo, no ano de 2006, dado este fornecido pela Secretaria Municipal de Educação (SME). Para um erro amostral estipulado em 3%, com nível de confiança de 95% e prevalência presumida de 50% de não prática de atividades físico-esportivas foi estimado o tamanho amostral de 1033 adolescentes. Precavendo-se de possíveis perdas, procurou-se levantar um número pouco maior e atingiu-se um total de 1.084 adolescentes.

A distribuição do número de alunos por CRE (Coordenadoria Regional de Educação) foi estimada a partir dos valores percentuais que cada uma delas comportava, considerando o total de alunos matriculados na oitava série do ensino fundamental do município do Rio de Janeiro.

Com base em dados obtidos no sítio presente na rede internacional de computadores (*internet*) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística / Cidades (IBGE)¹³ foi realizada uma estimativa da população de alunos matriculados na rede de ensino particular no ano de 2006, através da proporção efetuada entre os números do ensino de 2004 (IBGE) e os números fornecidos pela SME dos alunos matriculados nas oitavas séries em 2006. O resultado final apontou para o universo de 11.216 alunos. Estipulando-se um erro amostral em 5%, com nível de confiança de 95% e prevalência presumida de 50% de não prática de atividades físico-esportivas foi estimado o tamanho amostral de 371 adolescentes, embora tenha sido levantado um total de 395 informantes na rede particular de ensino.

A seleção da amostra compreendeu a escolha, por sorteio, das escolas públicas por cada CRE (Anexo A), através dos dados presentes no sítio na

internet da SME¹⁴, e, por conveniência, das escolas particulares, sendo ambas da mesma região geográfica, e, na sua maioria, do mesmo bairro. No total, foram visitadas 20 escolas públicas e 16 particulares (Anexo B).

A seleção dos informantes foi realizada de maneira que as turmas que comportavam o maior número de alunos na faixa etária de interesse do estudo foram as escolhidas para aplicação do questionário, além de só terem respondido aqueles que completariam 14 ou 15 anos no ano de 2006.

Coleta de dados

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário, com questões abertas e fechadas, construído especificamente para a pesquisa (Anexo C), visando à obtenção de informações sobre alguns indicadores sociais: a quantidade de alguns bens que a família possui e o grau de instrução do chefe da família (definidos previamente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE)¹⁵, a fim de definir a classe social da família do aluno, e a prática ou não de algum tipo de atividade físico-esportiva regular há pelo menos um mês.

O resultado sobre a classe social a qual o adolescente pertence foi obtido através da soma dos pontos referentes à quantidade de bens que a família possui e ao grau de instrução do chefe da família, segundo padronização do IBGE (Anexo D). As classes sociais, a partir desta classificação, foram denominadas de: A1 (de 30 a 34 pontos); A2 (de 25 a 29 pontos); B1 (de 21 a 24 pontos); B2 (de 17 a 20 pontos); C1 (de 14 a 16 pontos); C2 (de 11 a 13 pontos); D (de 6 a 10 pontos); E (de 0 a 5 pontos). Contudo, para efeito das análises, utilizou-se quatro grupos: A, em que foram aglutinadas as classes A1 e A2; B, em que se agregaram as classes B1 e B2; C, que corresponde a C1 e

D, que agrupou as classes C2 e D. No presente estudo não foram encontrados sujeitos pertencentes à classe E.

Para analisar a influência da condição socioeconômica sobre a adesão à prática regular de atividades físico-esportivas, foram consideradas as variáveis: grau de instrução do chefe da família, classe social da família do adolescente, condição da escola, e prática ou não prática de atividades físico-esportivas extracurriculares.

É importante ressaltar que a análise também foi realizada segundo o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) dos bairros de moradia do aluno. Os valores do IDH por bairro foram levantados no sítio da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro¹⁶.

O questionário foi previamente testado num estudo piloto realizado com 29 alunos da oitava série do Colégio Pedro II (Unidade Tijuca), onde foi aplicado o procedimento de teste-reteste em um intervalo de dez dias. O grau de concordância entre as duas aferições foi estimado pelo índice Kappa (k). Todos os índices Kappa, que puderam ser calculados, apresentaram-se significativos para $p < 0,05$. Do total de 59 alternativas de respostas relacionadas às 20 perguntas abertas e fechadas, 29 apresentaram índice superior a 0,70; quatro alternativas apresentaram k acima de 0,60, enquanto três mostraram-se abaixo de 0,60. O índice Kappa não foi calculado para as demais 23 alternativas porque, ou não houve citação da alternativa em ambas as aferições (13 casos), ou a alternativa foi citada somente em uma das duas aferições (10 casos).

Os procedimentos para a coleta dos dados foram: a) contato com a Secretaria Municipal de Educação, encaminhamento do projeto e da carta de apresentação da pesquisa sob a égide da Universidade Gama Filho, a fim de

conseguir a aprovação para prosseguimento da investigação; b) contato com cada CRE com a autorização fornecida pela SME; c) visita às escolas mediante apresentação de autorização fornecida pela CRE; d) seleção da(s) turma(s) com o maior contingente de alunos da faixa etária do estudo; e) aplicação dos questionários aos alunos.

Os questionários foram respondidos em salas de aula ou durante as aulas de educação física. No momento da aplicação dos questionários, os alunos foram informados sobre o tema e os objetivos da pesquisa, e sobre a importância e o sigilo da participação de cada um.

O período de coleta dos dados teve início no final de Setembro, após a liberação da pesquisa pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, em meados do mesmo mês, e terminou em Novembro de 2006.

TRATAMENTO ESTATÍSTICO

Além da frequência relativa para cada caso, foi utilizado o teste do Qui-quadrado. Utilizou-se ainda o cálculo da Odds Ratio (OR) para verificação da razão de chances para ocorrência do desfecho.

Por fim, foi utilizado um modelo logístico multivariado para identificar as possíveis interferências no desfecho.

RESULTADOS

As associações entre a prática de atividades físico-esportivas extracurriculares e determinadas variáveis socioeconômicas referentes aos adolescentes investigados são apresentadas nas Tabelas 1 e 2. Os números de ambas as tabelas revelam que os meninos praticavam significativamente mais atividades físico-esportivas do que as meninas, e que, segundo a análise

multivariada apresentada na Tabela 2, os estudantes de escolas públicas e particulares não diferiram na realização deste comportamento.

Embora na análise univariada tenha sido possível observar a associação direta entre o nível escolar do chefe da família e o comportamento em direção à prática de atividades físico-esportivas, com diferenças bastante relevantes entre o maior e os menores graus de instrução, a análise multivariada não confirmou esta tendência (Tabela 2). No entanto, em relação ao nível socioeconômico da família, pôde-se observar que os adolescentes pertencentes à classe social mais alta praticavam mais do que os adolescentes menos favorecidos. Além disto, aqueles que declararam morar em bairros com valores de IDH entre 0,800 e 0,899 praticavam atividades físico-esportivas consideravelmente menos do que os adolescentes que moravam em bairros com valores elevados de IDH.

Tabela 1. Associação entre a prática de atividades físico-esportivas e variáveis socioeconômicas.

Variáveis	Não pratica atividades físico-esportivas		Pratica atividades físico-esportivas	
	n	%	n	%
Sexo				
Masculino	202	31,6	438	68,4
Feminino	485	57,8	354	42,2
Condição da escola				
Particular	158	40,0	237	60,0
Pública	529	48,8	555	51,2
Grau de instrução do chefe				
Universitário completo e superior	133	40,1	199	59,9
Segundo grau completo e Universitário incompleto	250	45,0	305	55,0
Primeiro grau completo e Segundo grau incompleto	138	51,7	129	48,3
Primeiro grau incompleto e Analfabeto	166	51,1	159	48,9
Classe social da família				
A	59	35,3	108	64,7
B	279	41,7	390	58,3
C	209	54,4	175	45,6
D	140	54,1	119	45,9
IDH do bairro em que mora				
0,900 ou superior	78	36,3	137	63,7
0,800 a 0,899	380	48,2	408	51,8
Até 0,799	229	48,1	247	51,9

A Tabela 2 apresenta a análise multivariada para as associações entre a não prática de atividades físico-esportivas e variáveis socioeconômicas.

Tabela 2. Análises univariada e multivariada para as associações entre a não prática de atividades físico-esportivas e variáveis socioeconômicas.

Variáveis	Modelo logístico univariado		Modelo logístico multivariado	
	OR	p	OR	p
Sexo				
Masculino	1,00		1,00	
Feminino	2,96	< 0,001	2,93	< 0,001
Condição da escola				
Particular	1,00		1,00	
Pública	1,43	< 0,003	0,96	0,801
Grau de instrução do chefe				
Universitário completo e superior	1,00		1,00	
Segundo grau completo e Universitário incompleto	1,23	0,161	0,85	0,460
Primeiro grau completo e Segundo grau incompleto	1,60	< 0,005	0,92	0,699
Primeiro grau incompleto e Analfabeto	1,56	< 0,005	0,80	0,227
Classe social da família				
A	1,00		1,00	
B	1,31	0,135	0,53	0,152
C	2,19	< 0,001	0,71	< 0,004
D	2,15	< 0,001	1,14	< 0,025
IDH do bairro em que mora				
0,900 ou superior	1,00		1,00	
0,800 a 0,899	1,64	< 0,002	1,50	< 0,020
Até 0,799	1,63	< 0,004	1,36	0,101

Analisando a Tabela 3, é possível constatar que entre os meninos praticantes de atividades físico-esportivas os da classe social mais alta eram os que mais aderiam às referidas práticas, embora não existam grandes diferenças entre as classes. Situação similar aconteceu em relação às meninas praticantes, apesar das menos favorecidas praticarem consideravelmente menos.

Tabela 3. Análise da prática de atividades físico-esportivas por sexo, considerando as diferenças entre as classes sociais

Classe social da família	Masculino				Feminino			
	Prática		Não prática		Prática		Não prática	
	n	%	n	%	n	%	n	%
A	57	72,2	22	27,8	51	58,0	37	42,0
B	225	70,5	94	29,5	165	47,1	185	52,9
C	98	62,0	60	38,0	77	34,0	149	66,0
D	58	69,0	26	31,0	61	34,9	114	65,1

Em todos os níveis sociais, o futebol foi a atividade físico-esportiva mais praticada no tempo livre (Tabelas 4 e 5). De um modo geral, o vôlei e as danças apareceram como as outras atividades de maior adesão, sendo que os adolescentes da classe social mais alta preferiram, além do futebol, as atividades coletivas de academia e a musculação (Tabela 4).

Tabela 4. Atividades físico-esportivas praticadas, considerando as diferenças entre as classes sociais.

Atividades praticadas	Classes sociais								p
	A		B		C		D		
	n	%	n	%	n	%	n	%	
Futebol	32	9,2	165	47,3	99	28,4	53	15,2	< 0,001
Vôlei	16	12,4	62	48,1	32	24,8	19	14,7	0,865
Corrida	06	22,2	14	51,9	05	18,5	02	7,4	0,425
Atividades coletivas em academias	20	27,0	40	54,1	10	13,5	04	5,4	< 0,001
Musculação	17	24,3	36	51,4	08	11,4	09	12,9	< 0,015
Ciclismo	06	27,3	13	59,1	03	13,6	0	0,0	0,053
Lutas	12	13,0	52	56,5	12	13,0	16	17,4	0,145
Danças	10	9,3	55	51,4	19	17,8	23	21,5	0,098
Natação	15	16,5	52	57,1	16	17,6	08	8,8	0,137
Basquete	04	8,9	31	68,9	05	11,1	05	11,1	0,055
Handebol	07	16,7	24	57,1	08	19,0	03	7,1	0,410
Surf	03	42,9	04	57,1	0	0,0	0	0,0	0,068
Skate	01	14,3	05	71,4	01	14,3	0	0,0	0,581
Caminhada	03	12,5	10	41,7	06	25,0	05	20,8	0,810
Tênis	01	12,5	03	37,5	03	37,5	01	12,5	0,768
Ginástica Artística	0	0,0	04	66,7	0	0,0	02	33,3	0,275
Jogos	0	0,0	11	40,7	09	33,3	07	25,9	< 0,05
Outros	06	18,8	19	59,4	02	6,3	05	15,6	0,162

Por outro lado, considerando-se o número de praticantes por classe social observa-se alterações relevantes nos valores relativos das atividades físico-esportivas mais praticadas (Tabela 5). É possível verificar que o futebol foi a atividade preferida dos jovens pertencentes às classes sociais mais baixas, e que a participação no vôlei é bem equilibrada entre as diferentes classes. As atividades de academia, a musculação e a natação predominaram entre aqueles melhor situados socialmente.

Tabela 5. Valores relativos das atividades físico-esportivas mais praticadas por classe social, considerando o número de praticantes por classe

Classes sociais	Atividades físico-esportivas						
	Futebol	Vôlei	Atividades em academias	Musculação	Danças	Lutas	Natação
A	29,6%	14,8%	18,5%	15,7%	9,3%	11,1%	13,9%
B	42,3%	15,9%	10,3%	9,2%	14,1%	13,3%	13,3%
C	56,6%	18,2%	5,7%	4,6%	10,9%	6,9%	9,1%
D	44,5%	16%	3,4%	7,6%	19,3%	13,4%	6,7%

Os principais motivos para adesão às atividades físico-esportivas extracurriculares por classe social são apresentados na Tabela 6. “Gostar de praticar” foi o motivo mais importante entre os adolescentes de todas as classes. Os dados indicaram ainda que, entre os mais favorecidos, a vontade de ter um corpo bonito era uma razão bastante relevante, além das preocupações com a saúde. Por outro lado, os jovens pertencentes à classe social mais baixa também participavam destas atividades a fim de estar em companhia dos amigos e fazer novas amizades. O motivo “desejo de ser atleta” teve um significado apreciável, especificamente, para os da classe média.

Tabela 6. Principais motivos para adesão às atividades físico-esportivas, considerando as diferenças entre as classes sociais

Motivos	Classes sociais							
	A		B		C		D	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Gosta da atividade físico-esportiva que pratica	54	32,3	232	34,7	107	27,9	77	29,7
Desejo de ter um corpo bonito	52	31,1	146	21,8	64	16,7	37	14,3
Para evitar problemas de saúde	44	26,3	143	21,4	57	14,8	36	13,9
Possibilidade de estar em companhia dos amigos e fazer novas amizades	32	19,2	116	17,3	57	14,8	57	22,0
Desejo de ser atleta	31	18,6	103	15,4	64	16,7	26	10,0

A Tabela 7 expõe os principais motivos para não adesão às práticas físico-esportivas entre os adolescentes das diferentes classes sociais. De um modo geral, “considerar-se preguiçoso para esta prática” foi o motivo mais relevante entre os não praticantes, embora os menos favorecidos não praticassem, principalmente, devido à ausência de lugar adequado à prática

próximo à sua residência. A falta de recursos financeiros também foi um motivo importante para justificar a não adesão às atividades físico-esportivas entre os adolescentes de todas as classes sociais, especialmente entre aqueles das classes C e D.

Tabela 7. Principais motivos para não adesão às atividades físico-esportivas, considerando as diferenças entre as classes sociais

Motivos	Classes sociais							
	A		B		C		D	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Considera-se preguiçoso	21	36%	105	38%	65	31%	39	28%
Os responsáveis não podem pagar	14	24%	54	19%	52	25%	36	26%
Não há lugar próximo da residência	04	7%	35	13%	41	20%	42	30%
Não gosta de atividade físico-esportiva	09	15%	54	19%	34	16%	21	15%
Medo de freqüentar os lugares próximos à residência	10	17%	38	14%	40	19%	27	19%

DISCUSSÃO

A questão da prevalência da prática de atividades físico-esportivas também tem sido analisada a partir de dados referentes às condições socioeconômicas da população investigada⁹⁻¹⁰, de modo a evidenciar as diferenças existentes entre os mais e os menos favorecidos. O mesmo vem ocorrendo quando crianças e adolescentes são o objeto de estudo, sendo que neste caso o número de pesquisas tem sido bem menor.

O presente estudo – aparentemente, um dos poucos existentes sobre o tema nesta cidade – procurou investigar as relações entre a prática de atividades físico-esportivas, nos momentos extracurriculares, de estudantes entre 14 e 15 anos residentes na cidade do Rio de Janeiro e características socioeconômicas.

A prevalência da prática entre os meninos foi mais elevada do que entre as meninas, conforme pesquisas realizadas no Brasil^{9-11,17-19}, e em outros países²⁰⁻²⁷. Esta tendência sugere que o aspecto sociocultural é marcante, já

que desde a infância os meninos podem ser mais incentivados a participar de atividades físico-esportivas do que as meninas⁵.

Os dados também mostraram que os adolescentes que estudam em escolas públicas e particulares (provavelmente do sexo masculino) participam igualmente da prática de atividades físico-esportivas extracurriculares. No estudo de Hallal¹⁷, estudantes entre 10 e 12 anos da rede particular e pública de ensino apresentaram comportamento semelhante em relação à prática de atividades físico-esportivas, vez que, embora os estudantes de escolas particulares também tenham referido participação maior, igualmente as diferenças não foram significativas.

Pesquisas anteriores, nacional¹² e internacionais^{20-21,23,28-29}, identificaram o grau de instrução do pai e/ou da mãe como um fator associado positivamente ao nível de atividade físico-esportiva das crianças e dos adolescentes. No presente estudo, não houve diferenças entre os jovens pertencentes a famílias onde o chefe concluiu o ensino universitário e aqueles cujos responsáveis eram analfabetos ou cursaram e não concluíram os ensinos fundamental e médio. Apesar dos achados da presente investigação, a literatura tem apontado que, possivelmente, o conhecimento dos benefícios físicos e sociais da prática de atividades esportivas para os jovens conduza os pais mais instruídos a oferecer um suporte, tanto na logística (por exemplo, o transporte) quanto no modelo de comportamento^{27,30}, facilitando o acesso a estas atividades.

A classe social a qual um indivíduo pertence tem sido definida a partir de certos indicadores que são, além do nível de escolaridade dos pais, a posse e quantidade de certos bens, a renda familiar, e a ocupação profissional do chefe da família. Esta pesquisa indagou somente o nível escolar e a posse de determinados bens por considerá-los mais fáceis de serem informados por

adolescentes entre 14 e 15 anos e fazerem parte do processo de caracterização da classe social estabelecida pelo IBGE.

Em geral, tem sido observado que o nível de prática de atividades físico-esportivas associa-se diretamente à classe social, independente do grau de desenvolvimento da cidade ou do país, e neste estudo, de certo modo, não foi diferente, visto que a maioria dos não praticantes pertencia às classes sociais mais baixas. Diferentes pesquisadores, no Brasil^{10-12,17} e em outros países^{20,22-23,26-28,30,31}, confirmaram esta idéia, com exceção de Matsudo *et al.*³², que constataram, através de monitoramento diário da frequência cardíaca, níveis baixos de atividade física tanto entre crianças e adolescentes oriundas da classe social baixa, quanto da alta, em diferentes regiões de desenvolvimento do estado de São Paulo; de Guedes *et al.*¹⁸, cujos rapazes e moças, pertencentes ao maior nível socioeconômico, informaram baixo e nenhum envolvimento, respectivamente, com a prática de atividades físico-esportivas; e de Shi *et al.*²⁹, que observaram maior participação nas atividades físicas vigorosas realizadas na escola entre os adolescentes chineses pertencentes à classe social baixa. É possível supor que esta oposição à idéia inicial tenha decorrido do tamanho e seleção da amostra, no caso da primeira investigação, e das exigências com o estudo escolar entre os adolescentes de 15 a 18 anos de alto nível social, no segundo caso.

A forte influência da variável sexo, em conjunto com o nível socioeconômico, sobre a prática de atividades físico-esportivas entre os adolescentes da presente pesquisa foi verificada em outro estudo²², que também confirmou a menor adesão tanto das meninas pertencentes às classes mais altas (quando comparadas aos meninos menos favorecidos) quanto

daquelas provenientes das baixas classes sociais, que foram as que menos praticavam.

O Índice de Desenvolvimento Humano, outra variável desta pesquisa, igualmente é um forte indicador socioeconômico, vez que sua metodologia permite avaliar o desenvolvimento não só através do aspecto do crescimento econômico, mas também pelo viés de outras dimensões relevantes para analisar e compreender a realidade de grupos sociais humanos, pois engloba indicadores referentes à educação (taxa de alfabetização e escolarização), à expectativa de vida ao nascer e à renda (PIB per capita), permitindo estabelecer comparações entre países, cidades, e, inclusive, bairros³³.

Neste trabalho, os resultados sugeriram que os valores elevados de IDH se relacionam positivamente à prática investigada, pois os adolescentes residentes em bairros cujo IDH são iguais ou maiores que 0,900 declararam participar significativamente mais das práticas físico-esportivas. O estudo de Palma *et al.*⁹ ratificou esta posição, especialmente porque também foi realizado no Rio de Janeiro.

A imagem do futebol, como a atividade esportiva de preferência nacional, pôde ser confirmada entre os adolescentes de todas as classes sociais do município do Rio de Janeiro, juntando-se aos achados de outros trabalhos^{11, 17, 19}. O vôlei e as danças foram as outras atividades de destaque, devido talvez à maior adesão das meninas, conforme indicam os mesmos pesquisadores^{11, 17, 19}. Os jovens mais favorecidos preferiram, além do futebol, a prática de musculação e outras atividades de academia, provavelmente em consequência da busca pelo corpo ideal, indicada entre os principais motivos de adesão. É possível supor que a menor participação nestas atividades e na natação pelos adolescentes das classes mais baixas tenha decorrido não da

falta de gosto pelas referidas atividades, mas sim, das dificuldades de acesso, visto que geralmente são atividades pagas.

É possível admitir que o adolescente de baixo nível socioeconômico participe menos de atividades físico-esportivas regulares não por opção, mas por estar submetido a uma situação de vulnerabilidade social que inviabiliza o seu acesso aos meios e condições imprescindíveis para realizar tal fim. Deste modo, uma possível solução para o aumento da prevalência desta prática entre aqueles menos favorecidos dependeria da administração pública.

Os órgãos públicos municipais responsáveis pela implantação de projetos destinados a fomentar a prática de atividades físico-esportivas extracurriculares entre os jovens pertencentes às baixas classes sociais deveriam, num primeiro momento, preocupar-se em conhecer as principais barreiras para esta adesão, especialmente entre as meninas. No caso deste estudo, dois motivos muito relevantes para a não participação nestas atividades pelos menos favorecidos referiram-se à falta de condições financeiras e de suporte dos adultos, que estão de acordo com o sugerido por Lasheras *et al.*²³ e Humbert *et al.*³⁰. Inclusive, Lasheras *et al.*²³ ratificam a importância do Estado para a promoção de estratégias de intervenção que auxiliem os adolescentes das classes mais baixas a praticarem mais esportes.

É importante ressaltar também que se o objetivo, além do incentivo à adesão, é promover a manutenção do comportamento ativo por um longo período, esses projetos deveriam direcionar-se às crianças e adolescentes com menos idade, pois, segundo Engström citado por Lasheras *et al.*²³, os meninos e meninas que têm mais experiências com atividades físicas e esportes aos 15 anos de idade, são aqueles que possuem uma maior preparação psicológica para manter-se fisicamente ativo aos 30 anos.

CONCLUSÃO

Os adolescentes residentes na cidade do Rio de Janeiro que são do sexo feminino, pertencem às classes sociais mais baixas e moram em bairros com IDH abaixo de 0,900 são os mais suscetíveis a não praticar atividades físico-esportivas no tempo livre. Deste modo, as características relativas, principalmente, à classe social, ao sexo e ao bairro de moradia do adolescente devem ser levadas em consideração no momento da elaboração de estratégias que visem fomentar o aumento da adesão às atividades físico-esportivas nos momentos de prática extracurricular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Kaplan GA, Keil JE. Socioeconomic factors and cardiovascular disease: a review of the literature. *Circulation*. 1993;88(4):1973-98.
2. Dupas G. **Economia global e exclusão social: pobreza, emprego, estado e o futuro do capitalismo**. São Paulo: Paz e Terra; 1999.
3. Demo P. **Charme da exclusão social**. Campinas: Autores Associados; 1988.
4. Bauman Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1998.
5. Boltanski L. **As classes sociais e o corpo**. Rio de Janeiro: Graal; 1989.
6. Diez-Roux A, Northridge M, Morabia A, Basset M, Shea S. Prevalence and social correlates of cardiovascular disease risk factors in Harlem. *Am J Public Health*. 1999;89(3):302-7.
7. Bennett S. Cardiovascular risk factors in Australia: trends in socioeconomic inequalities. *J Epidemiol Community Health*. 1995;49:362-72.
8. Castro MS. **Motivos que influenciam a adesão à prática de exercícios físicos, nos programas oferecidos pelo Serviço Social do Comércio (SESC), no Distrito Federal**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação Física e Cultura). Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Educação Física, Universidade Gama Filho.

9. Palma A, Ferreira DC, Bagrichevsky M, Resende HG. Dimensões epidemiológicas associativas entre indicadores socioeconômicos de vida e prática de exercícios. **Rev Bras Ciênc Esporte**. 2006;27(3):119-36.
10. Gomes VB, Siqueira KS, Sichieri R. Atividade física em uma amostra probabilística da população do Município do Rio de Janeiro. **Cad. Saúde Pública**. 2001;17(4):969-76.
11. Silva RCR, Malina RM. Nível de atividade física em adolescentes do Município de Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. **Cad. Saúde Pública**. 2000;16(4):1091-97.
12. Oehlschlaeger MH, Pinheiro R, Horta B, Gelatti C, Sant'ana P. Prevalência e fatores associados ao sedentarismo em adolescentes de área urbana. **Rev Saúde Pública**. 2004;38(2):157-63.
13. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *RJ – Capital, Informações estatísticas: Ensino – matrículas, docentes e rede escolar 2004*. Disponível em URL: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/> [2006 set 16].
14. Secretaria Municipal de Educação (SME). *Pesquisa de escolas, creches, programas e CREs*. Disponível em URL: <http://www.rio.rj.gov.br/sme/index.php> [2006 set 16].
15. Hallal PC, Matsudo SM, Matsudo VKR, Araújo TL, Andrade DR, Bertoldi AD. Nível de atividade física em adultos de duas áreas do Brasil: semelhanças e diferenças. **Cad. Saúde Pública**. 2005;21(2):573-80.
16. Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro – Armazém de Dados: Instituto Pereira Passos – *Bairros cariocas: Bairros*. Disponível em URL: <http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/> [2006 set 16].
17. Hallal PC, Bertoldi AD, Gonçalves H, Victora CG. Prevalência de sedentarismo e fatores associados em adolescentes de 10-12 anos de idade. **Cad. Saúde Pública**. 2006;22(6):1277-87.
18. Guedes DP, Guedes JERP, Barbosa DS, Oliveira JA. Níveis de prática de atividade física habitual em adolescentes. **Rev Bras Med Esporte**. 2001;7:187-99.
19. Pasko VC. **A popularidade do handebol no contexto escolar e extra-escolar do Rio de Janeiro**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação Física e Cultura, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2005.
20. McVeigh JA, Norris SA, De Wet T. The relationship between socio-economic status and physical activity patterns in South African children. **Acta Paediatr**. 2004;93:982-88.
21. Li M, Dibley MJ, Sibbritt D, Yan H. Factors associated with adolescents' physical inactivity in Xi'an City, China. **Med Sci Sports Exerc**. 2006;38(12):2075-85.

22. Inchley JC, Currie DB, Todd JM, Akhtar PC, Currie CE. Persistent socio-demographic differences in physical activity among Scottish schoolchildren 1990-2002. *Eur J Public Health*. 2005;15(4):386-8.
23. Lasheras L, Aznar S, Merino B, Lopez EG. Factors associated with physical activity among Spanish youth through the National Health Survey. *Prev Med*. 2001;32(6):455-64.
24. Klasson-Heggebo L, Andersen SA. Gender and age differences in relation to the recommendations of physical activity among Norwegian children and youth. *Scand J Med Sci Sports*. 2003;13(5):293-8.
25. Riddoch CJ, Bo Andersen L, Wedderkopp N, Harro M, Klasson-Heggebo L, Sardinha LB, et al. Physical activity levels and patterns of 9 and 15-yr-old European children. *Med Sci Sports Exerc*. 2004;36(1):86-92.
26. Kristjansdottir G, Vilhjalmsson R. Socio-demographic differences in patterns of sedentary and physically active behavior in older children and adolescents. *Acta Paediatr*. 2001;90(4):429-35.
27. Raudsepp L. The relationship between socio-economic status, parental support and adolescent physical activity. *Acta Paediatr*. 2006;95(1):93-8.
28. La Torre G, Masala D, De Vito E, Langiano E, Capelli G, Ricciardi W. Extracurricular physical activity and socioeconomic status in Italian adolescents. *BMC Public Health*. 2006;6:22.
29. Shi Z, Lien N, Kumar BN, Holmboe-Ottesen G. Physical activity and associated socio-demographic factors among school adolescents Jiangsu Province, China. *Prev Med*. 2006;43(3):218-21.
30. Humbert ML, Chad KE, Spink KS, Muhajarine N, Anderson KD, Bruner MW, et al. Factors that influence physical activity participation among high and low SES youth. *Qual Health Res*. 2006;16(4):467-83.
31. Mo F, Turner M, Krewski D, Mo FD. Physical inactivity and socioeconomic status in Canadian adolescents. *Int J Adolesc Med Health*. 2005;17(1):49-56.
32. Matsudo SMM, Araújo TL, Matsudo VKR, Andrade DR, Valquer W. Nível de atividade física em crianças e adolescentes de diferentes regiões de desenvolvimento. *Rev Méd Ativ Fís Saúde*. 1998;3:14-26.
33. PNUD (Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento humano). **Desenvolvimento Humano e Condições de Vida: indicadores brasileiros**. Brasília: PNUD/IPEA/FJP/IBGE; 1998.

ESTUDO 3

**INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR SOBRE O GOSTO
E A PRÁTICA REGULAR DE ATIVIDADES FÍSICO-ESPORTIVAS
EXTRACURRICULARES ENTRE ADOLESCENTES DE 14 E 15 ANOS DE
IDADE, ESTUDANTES DA OITAVA SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL
NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO**

Estudo 3

PIMENTA, A.P.A.A. (2007). **Influência da educação física escolar sobre o gosto e a prática regular de atividades físico-esportivas extracurriculares entre adolescentes de 14 e 15 anos de idade, matriculados na oitava série do ensino fundamental no município do Rio de Janeiro.** (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação Física/Universidade Gama Filho.
Orientador: Alexandre Palma

Resumo

O presente estudo teve como objetivos verificar a influência das aulas de educação física escolar sobre o gosto pela prática de atividades físico-esportivas extracurriculares entre adolescentes residentes no município do Rio de Janeiro, e identificar a influência destas aulas sobre a mesma prática regular. Alunos de 14 e 15 anos de idade (n= 1479), matriculados na oitava série do ensino fundamental da rede pública e particular de ensino em 2006, preencheram um questionário com questões abertas e fechadas para identificação das variáveis: sexo, prática de atividades físico-esportivas, gosto pela prática, número de aulas por semana, número de tempos de aulas por dia, ocorrência regular das aulas, frequência de participação nas aulas, ocorrência de evento informativo sobre a importância das práticas físico-esportivas. Os resultados demonstraram que a grande maioria dos estudantes (84,3%) gostava de atividades físico-esportivas e que as aulas de educação física colaboraram positivamente para a construção deste gosto entre 82,5% dos que relataram gostar. Entretanto, apenas 63,6% do total de estudantes freqüentavam as aulas de educação física regularmente. As meninas relataram uma menor freqüência de participação, comparadas aos meninos (53% e 77,5%, respectivamente). Por outro lado, considerando exclusivamente os que informaram gostar da prática físico-esportiva, 71,5% participavam sempre das aulas curriculares. Em relação à prática físico-esportiva extracurricular foi observado que um número menor de adolescentes de toda a amostra aderiu à referida prática (53,5%), embora os meninos praticassem significativamente mais que as meninas (68,4% e 42,2%, respectivamente). Considerando o total de jovens que declararam gostar de atividades físico-esportivas (n= 1247), somente 59% praticavam estas atividades no tempo livre, com maior adesão dos meninos (57,7% e 42,3%, respectivamente). Destes praticantes, 82,3% revelaram que a educação física escolar contribuiu para a formação do gosto pela prática investigada (60,6% meninos e 39,4% meninas), embora somente 67,9% declararam que gostam e participam regularmente das aulas de educação física (62,2% meninos e 37,8% meninas). É possível concluir então que apesar dos adolescentes de 14 e 15 anos gostarem da prática de atividades físico-esportivas, um número significativo não adere a esta prática. A despeito de a educação física escolar contribuir para o gosto pela prática físico-esportiva entre os estudantes, não há garantia que os mesmos realizem a referida prática no seu tempo livre, especialmente as meninas. Além disto, a baixa freqüência de participação nas aulas de educação física, disciplina obrigatória da educação básica, suscita outras investigações.

Palavras-chaves: Atividades físico-esportivas, Adolescentes, Educação Física escolar.

ESTUDO 3

INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR SOBRE O GOSTO E A PRÁTICA REGULAR DE ATIVIDADES FÍSICO-ESPORTIVAS EXTRACURRICULARES ENTRE ADOLESCENTES DE 14 E 15 ANOS DE IDADE, ESTUDANTES DA OITAVA SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO

INTRODUÇÃO

Alguns estudiosos têm advogado a idéia de que os adolescentes possuem hábitos alimentares irregulares¹⁻⁴, manifestam transtornos psicológicos^{1,5} e apresentam uma redução nos níveis de atividades físicas^{4,6-8}.

Por outro lado, tem sido defendido que a prática regular de atividades físico-esportivas na vida adulta está relacionada às experiências vividas durante a infância e a adolescência, dentro e/ou fora do ambiente escolar⁹⁻¹⁰. Telama *et al.*⁹, por exemplo, destacam que a prática regular, em particular, de esportes, durante as fases da infância e da adolescência, aumenta a probabilidade de manutenção deste hábito na fase adulta. Posição semelhante é apresentada por Trudeau *et al.*¹⁰ ao comentarem que a educação física diária na escola teve um efeito longo e positivo na prática de atividades físico-esportivas entre mulheres adultas.

Parece possível que o incentivo à prática de atividades físico-esportivas através de jogos, esportes, dança e ginástica interessantes e adequados a cada fase da vida jovem, proporcione o desenvolvimento do gosto pelos mesmos, e assim, possa vir a ser construído o hábito de praticar atividades físico-esportivas.

Lovisoló¹¹ apresenta a noção de que as ações humanas – incluindo, portanto, a prática regular de atividades físico-esportivas – podem ser

compreendidas por três motivos: pela norma, pelo gosto e pela utilidade. Segundo o autor, a norma refere-se à ação decorrente do ditado em alguma lei, regra ou regulamentação. O gosto diz respeito ao que resulta em sensações e sentimentos de prazer, logo, às atitudes hedonistas. Por fim, a utilidade estaria relacionada à ação que busca preencher alguma necessidade prática, advinda das exigências de viver e sobreviver. Ressalta ainda que “utilidade e gosto são os referenciais avaliativos de que as crianças dispõem para organizar e julgar seu mundo” (p. 69).

Portanto, profissionais que trabalham na formação de crianças e adolescentes poderiam preocupar-se em empregar, e inclusive criar, meios e recursos de aprendizagem que despertassem o encantamento e seduzissem os jovens sobre a utilidade de aprender determinado conteúdo.

Reconhecendo que a criança é “um ser pleno de potência sensório-motora”¹¹ cujo gosto e prazer estão justamente na experimentação do seu corpo através do movimento e dos sentidos, aos professores de educação física caberia estimular e enriquecer esse universo da criança, através das diferentes manifestações e expressões da cultura corporal de movimento, compatíveis às várias fases da vida escolar.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)¹², ao dirigirem-se especificamente ao professor de educação física do 3º e 4º ciclos do ensino fundamental, remetem, inicialmente, a uma proposta de democratização, humanização e diversificação da prática pedagógica da área, que busque ampliar o campo de atuação, de uma perspectiva estritamente biológica, para um universo que incorpore as dimensões afetivas, cognitivas e socioculturais dos alunos. Posteriormente, ressalta a importância do trabalho nas séries finais do ensino fundamental,

na medida em que possibilita aos alunos uma ampliação da visão sobre a cultura corporal de movimento, e, assim, viabiliza a autonomia para o desenvolvimento de uma prática pessoal e a capacidade para interferir na comunidade, seja na manutenção ou na construção de espaços, de participação em atividades culturais, como jogos, esportes, lutas, ginásticas e danças, com finalidades de lazer, expressão de sentimentos, afetos e emoções (p. 15).

Considerando, portanto, que a escola é o lugar social comum à maioria dos adolescentes e que a educação física é a disciplina escolar responsável, entre outras competências, pela sistematização, transmissão e orientação da cultura corporal de movimento, os objetivos deste estudo são:

a) Verificar a influência das aulas de educação física escolar sobre o gosto pela prática regular de atividades físico-esportivas extracurriculares entre adolescentes de 14 e 15 anos de idade, matriculados na oitava série do ensino fundamental no município do Rio de Janeiro, em 2006.

b) Identificar a influência das aulas de educação física escolar sobre a prática regular de atividades físico-esportivas extracurriculares entre adolescentes de 14 e 15 anos de idade, matriculados na oitava série do ensino fundamental no município do Rio de Janeiro, em 2006.

MÉTODO

População e amostra

A população compreendeu todos os adolescentes, na faixa de 14 a 15 anos de idade, de ambos os sexos, matriculados na oitava série do ensino fundamental de escolas da rede pública e particular do município do Rio de Janeiro no ano de 2006, e residentes na mesma cidade.

A amostra foi calculada de acordo com a natureza da escola (pública ou particular). Em relação aos alunos da rede pública, teve como referência o número total de alunos matriculados (31.854) dentro da faixa etária específica do estudo, no ano de 2006, dado este fornecido pela Secretaria Municipal de

Educação (SME). Para um erro amostral estipulado em 3%, com nível de confiança de 95% e prevalência presumida de 50% de não prática de atividades físico-esportivas foi estimado o tamanho amostral de 1033 adolescentes. Precavendo-se de possíveis perdas, procurou-se levantar um número pouco maior e atingiu-se um total de 1.084 adolescentes.

A distribuição do número de alunos por CRE (Coordenadoria Regional de Educação) foi estimada a partir dos valores percentuais que cada uma delas comportava, considerando o total de alunos matriculados na oitava série do ensino fundamental do município do Rio de Janeiro.

Com base em dados obtidos no sítio presente na rede internacional de computadores (*internet*) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística / Cidades (IBGE)¹³ foi realizada uma estimativa da população de alunos matriculados na rede de ensino particular no ano de 2006, através da proporção efetuada entre os números do ensino de 2004 (IBGE) e os números fornecidos pela SME dos alunos matriculados nas oitavas séries em 2006. O resultado final apontou para o universo de 11.216 alunos. Estipulando-se um erro amostral em 5%, com nível de confiança de 95% e prevalência presumida de 50% de não prática de atividades físico-esportivas foi estimado o tamanho amostral de 371 adolescentes, embora tenha sido levantado um total de 395 informantes na rede particular de ensino.

A seleção da amostra compreendeu a escolha, por sorteio, das escolas públicas por cada CRE (Anexo A), através dos dados presentes no sítio na *internet* da SME¹⁴, e, por conveniência, das escolas particulares, sendo ambas da mesma região geográfica, e, na sua maioria, do mesmo bairro. No total, foram visitadas 20 escolas públicas e 16 particulares (Anexo B).

A seleção dos informantes foi realizada de maneira que as turmas que comportavam o maior número de alunos na faixa etária de interesse do estudo foram as escolhidas para aplicação do questionário, além de só terem respondido aqueles que completariam 14 ou 15 anos no ano de 2006.

Coleta de dados

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário, com questões abertas e fechadas, construído especificamente para a pesquisa (Anexo C), visando à obtenção de informações sobre: a contribuição da educação física escolar para o gosto e para a prática de atividades físico-esportivas; a rotina das aulas de educação física (número de aulas semanais, regularidade das aulas, frequência de participação do aluno), entre outras informações necessárias.

Para analisar a influência das aulas de educação física escolar sobre o gosto pela prática de atividades físico-esportivas, foram consideradas as variáveis: número de aulas por semana, número de tempos de aulas por dia, ocorrência regular das aulas, frequência de participação nas aulas, ocorrência de evento informativo sobre a importância das práticas físico-esportivas, além da variável sexo. Para análise da influência sobre a prática, as variáveis foram as mesmas.

O questionário foi previamente testado num estudo piloto realizado com 29 alunos da oitava série do Colégio Pedro II (Unidade Tijuca), em que foi aplicado o procedimento de teste-reteste em um intervalo de dez dias. O grau de concordância entre as duas aferições foi estimado pelo índice Kappa (k). Todos os índices Kappa, que puderam ser calculados, apresentaram-se significativos para $p < 0,05$. Do total de 59 alternativas de respostas

relacionadas às 20 perguntas abertas e fechadas, 29 apresentaram índice superior a 0,70; quatro alternativas apresentaram k acima de 0,60, enquanto três mostraram-se abaixo de 0,60. O índice Kappa não foi calculado para as demais 23 alternativas porque, ou não houve citação da alternativa em ambas as aferições (13 casos), ou a alternativa foi citada somente em uma das duas aferições (10 casos).

Os procedimentos para a coleta dos dados foram: a) contato com a Secretaria Municipal de Educação, encaminhamento do projeto e da carta de apresentação da pesquisa sob a égide da Universidade Gama Filho, a fim de conseguir a aprovação para prosseguimento da investigação; b) contato com cada CRE com a autorização fornecida pela SME; c) visita às escolas mediante apresentação de autorização fornecida pela CRE; d) seleção da(s) turma(s) com o maior contingente de alunos da faixa etária do estudo; e) aplicação dos questionários aos alunos.

Os questionários foram respondidos em salas de aula ou durante as aulas de educação física. No momento da aplicação dos questionários, os alunos foram informados sobre o tema e os objetivos da pesquisa, e sobre a importância e o sigilo da participação de cada um.

O período de coleta dos dados teve início no final de Setembro, após a liberação da pesquisa pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, em meados do mesmo mês, e terminou em Novembro de 2006.

TRATAMENTO ESTATÍSTICO

Para o tratamento estatístico dos dados categóricos foi utilizado o teste do Qui-quadrado. Foi realizada ainda a frequência relativa de cada caso.

RESULTADOS

Um pouco mais da metade dos adolescentes investigados praticava atividades físico-esportivas extracurriculares, embora o número de meninos praticantes fosse significativamente maior quando comparado com o número de meninas ($p < 0,001$). Os jovens que sempre participavam das aulas de educação física escolar representaram um universo maior, considerando que se trata de um componente curricular obrigatório na educação básica. Entretanto, uma boa parcela não freqüentava as aulas de modo regular, com maior percentual para o grupo do sexo feminino. Do total, 84,3% dos jovens entre 14 e 15 anos residentes nesta cidade revelaram gostar de atividades físico-esportivas, preferencialmente os meninos (Tabela 1).

Tabela 1. Características relacionadas à prática de atividades físico-esportivas extracurriculares e freqüência nas aulas de educação física escolar, considerando as diferenças entre os sexos

Características	Total		Masculino		Feminino		p
	n	%	n	%	n	%	
Atividades físico-esportivas							
Sim	792	53,5	438	68,4	354	42,2	< 0,001
Não	687	46,5	202	31,6	485	57,8	
Freqüência de participação							
Nunca	77	5,2	21	3,3	56	6,7	< 0,001
Sempre	938	63,6	494	77,5	444	53,0	
Às vezes	459	31,1	122	19,2	337	40,3	
Gosto pela prática de AFE							
Gosta	1247	84,3	590	92,2	657	78,3	< 0,001
Indiferente	148	10,0	31	4,8	117	13,9	
Não gosta	84	5,7	19	3,0	65	7,7	

A Tabela 2 retrata, coerentemente, que os alunos que praticavam regularmente atividades físico-esportivas são aqueles que declararam gostar deste tipo de atividade (93,1%), enquanto que os demais praticantes ou eram indiferentes (5,1%) ou não gostavam deste tipo de prática (1,9%), embora a realizasse possivelmente em decorrência de algum tipo de norma, a exemplo de imposição familiar ou determinação médica.

Destaca-se também o considerável percentual de adolescentes (34,5% da amostra ou 74,2 dos não praticantes de atividades físico-esportivas) que apesar da declaração de que gostavam de praticar atividades físico-esportivas, não a realizavam.

Tabela 2. Associação entre o nível de gosto e a prática de atividades físico-esportivas extracurriculares

Nível de prática de atividades físico-esportivas	Nível de gosto pela prática de atividades físico-esportivas						<i>p</i>
	Não gosta		É indiferente		Gosta		
	n	%	n	%	n	%	
Não praticantes	69	10,0	108	15,7	510	74,2	< 0,001
Praticantes	15	1,9	40	5,1	737	93,1	

A Tabela 3 evidencia que as aulas de educação física influenciaram positiva e significativamente o gosto dos estudantes pela prática de atividades físico-esportivas. Dentre os aspectos das aulas de educação física, a freqüência dos estudantes foi o único aspecto que revelou influência significativa no gosto pela prática de atividades físico-esportiva.

Entre os que informaram gostar desta prática, nem todos participaram regularmente das aulas de educação física em 2006, já que do total (n= 1247), 25,3% freqüentaram algumas vezes e 3,1% não freqüentaram as aulas. Entre os que freqüentaram regularmente as aulas, 71,5% declararam gostar de praticar atividades físico-esportivas.

Um grupo bem reduzido (4,5% do total da amostra), entre os estudantes que relataram “ser indiferente” ou “não gostar”, informou que a educação física influenciou negativamente em relação ao gosto pela prática de atividades físico-esportivas, enquanto uma parcela mais expressiva dos que gostavam (14,7% da amostra) não foi motivada pelas aulas realizadas na escola.

As variáveis “número de aulas por semana”, “tempo de aulas por dia”, “ocorrência das aulas” e “ocorrência de evento informativo” não apresentaram

associações significativas com o gosto pela prática de atividades físico-esportivas.

Tabela 3. Influência da educação física escolar sobre o gosto pela prática de atividades físico-esportivas

Variáveis	Gosto pela prática de atividades físico-esportivas						p
	Não gosta		É indiferente		Gosta		
	n	%	n	%	n	%	
Reporta que educação física influenciou o gosto							
Sim	10	0,9	56	5,1	1029	94,0	< 0,001
Não	74	19,3	91	23,8	218	56,9	
Número de aulas por semana							
Não há aulas	0	0,0	0	0,0	16	100,0	0,093
Uma aula por semana	65	6,7	96	9,9	810	83,4	
Duas ou mais aulas	19	3,9	52	10,6	421	85,6	
Tempo de aulas por dia							
Não há aulas	0	0,0	0	0,0	16	100,0	0,057
Um tempo por dia	23	4,0	64	11,1	490	84,9	
Dois ou mais tempos	61	6,9	84	9,5	741	83,6	
Aulas ocorrem normalmente							
Não	20	6,3	42	13,2	255	80,4	0,091
Sim	64	5,6	106	9,3	975	85,2	
Frequência de participação							
Nunca	20	26,0	18	23,4	39	50,6	< 0,001
Sempre	16	1,7	34	3,6	888	94,7	
Às vezes	48	10,5	96	20,9	315	68,6	
Houve evento informativo na escola							
Não	75	6,1	128	10,4	1031	83,5	0,180
Sim	09	3,7	20	10,0	214	88,1	

De acordo com a Tabela 4, um número elevado de estudantes praticantes de atividades físico-esportivas extracurriculares (78,9%), informou que a educação física escolar contribuiu para o desenvolvimento do gosto por esta prática, embora não de maneira positiva para todos, conforme demonstra o confronto dos dados das Tabelas 4 e 5, que se referem a todos os praticantes e somente aos praticantes que gostavam, respectivamente.

Algumas características relacionadas às aulas de educação física escolar, tais como “número de aulas por semana”, “tempo de aulas por dia” e “ocorrência das aulas” apresentaram uma fraca associação com a prática de atividades físico-esportivas realizadas no tempo livre. Eventos informativos,

realizados sob a forma de campanhas ou palestras, orientando sobre a importância desta prática, ocorreram em baixa escala nas escolas. Mas, de qualquer maneira, não houve diferenças significativas entre aqueles que participaram ou não destes eventos, para a prática físico-esportiva.

Tabela 4. Influência da educação física escolar sobre a prática de atividades físico-esportivas extracurriculares

Variáveis	Prática de atividades físico-esportivas extracurriculares				p
	Não pratica		Pratica		
	n	%	n	%	
Reporta que educação física influenciou o gosto					
Sim	470	42,9	625	57,1	< 0,001
Não	216	56,4	167	43,6	
Número de aulas por semana					
Não há aulas	10	62,5	06	37,5	0,378
Uma aula por semana	454	46,8	517	53,2	
Duas ou mais aulas	223	45,3	269	54,7	
Tempo de aulas por dia					
Não há aulas	10	62,5	06	37,5	0,299
Um tempo por dia	259	44,9	318	55,1	
Dois ou mais tempos	418	47,2	468	52,8	
Aulas ocorrem normalmente					
Não	135	42,6	182	57,4	0,133
Sim	542	47,3	603	52,7	
Frequência de participação					
Nunca	55	71,4	22	28,6	< 0,001
Sempre	355	37,8	583	62,2	
Às vezes	275	59,9	184	40,1	
Houve evento informativo na escola					
Não	585	47,4	649	52,6	0,121
Sim	102	42,0	141	58,0	

A Tabela 5 apresenta informações pertinentes somente àqueles que gostavam de praticar atividades físico-esportivas. É possível verificar que 49,8% dos adolescentes de toda a amostra gostavam e participavam destas atividades, embora os meninos apresentassem um maior interesse pela prática. Além disto, existiram diferenças significativas entre os sexos no que se refere à contribuição da Educação Física escolar para a construção deste gosto entre os praticantes. Os adolescentes do sexo masculino relataram com mais frequência a influência positiva desta disciplina curricular sobre o mencionado

gosto, e também foram os que mais participaram regularmente das aulas motivados pelo prazer.

Tabela 5. Características relacionadas aos adolescentes que relatam gostar da prática de atividades físico-esportivas, considerando as diferenças entre os sexos

	Total		Masculino		Feminino		p
	n	%	n	%	n	%	
Prática de atividades físico-esportivas							
Sim	737	59,1	426	57,8	311	42,2	<0,005
Não	510	40,9	164	32,2	346	67,8	
Contribuição das aulas de Educação Física, segundo o relato do aluno praticante							
Sim	607	82,4	368	60,6	239	39,4	<0,005
Não	130	17,6	58	44,6	72	55,4	
Contribuição das aulas de Educação Física, segundo a frequência de participação do aluno praticante							
Participa sempre da EF porque gosta	501	68,0	312	62,3	189	37,7	<0,005
Outras situações*	236	32,0	114	48,3	122	51,7	

*Participa sempre, mas não porque gosta; participa algumas vezes; nunca participa; ou não informou a frequência.

DISCUSSÃO

Alguns estudos longitudinais^{9-10,15-16} têm sido realizados com o intuito de verificar se os níveis de atividades físico-esportivas na infância e adolescência contribuem para a manutenção desta prática na vida adulta. A escola, representada pela disciplina educação física, pode ser a precursora e incentivadora desta atividade entre os mais jovens, visto que é o espaço social comum destinado à transmissão de conhecimentos, valores e práticas socioculturais a este grupo etário. Deste modo, o presente trabalho pretendeu verificar se as aulas de educação física escolar contribuíram para o desenvolvimento do gosto pela prática de atividades físico-esportivas entre estudantes adolescentes do município do Rio de Janeiro, e se também influenciaram estes jovens na direção da adesão a este tipo de atividade.

Os resultados desta investigação sugerem que a realização de atividades físico-esportivas pode ser de fato prazerosa para os adolescentes, pois a grande maioria informou gostar de praticá-las. Algumas pesquisas¹⁷⁻¹⁸ sustentam esta idéia ao apresentarem o gosto/prazer como um dos principais

motivos para a adesão a tal prática tanto por meninos quanto por meninas. Também foi evidenciado que as aulas de educação física escolar podem exercer uma grande influência na construção deste gosto. Considerando que, muitas vezes, a escola é o único lugar onde os adolescentes, especialmente os pertencentes às classes sociais mais baixas, têm acesso às práticas físico-esportivas orientadas¹⁹, era natural que a formação do gosto fosse promovida em larga escala dentro deste ambiente.

Por outro lado, parecem existir razões para que os jovens não estejam realizando a referida prática dentro e fora das aulas curriculares de educação física, visto que um número razoável dos que relataram gostar não freqüentou regularmente as aulas desta disciplina em 2006, e um número ainda maior não participou de atividades físico-esportivas nos momentos extracurriculares. O estudo de Pasko¹⁸ também revelou uma grande lacuna entre o universo de alunos que gostam e praticam estas atividades fora da escola. Além disto, é possível supor que as aulas de educação física foram mais atraentes para os meninos do que para as meninas.

Alguns motivos que justificam o menor interesse das jovens pelas citadas práticas são sugeridos por alguns pesquisadores. Segundo Allender *et al.*²⁰, em seu estudo de revisão, há constatações de que certas experiências negativas vividas por adolescentes femininas durante as aulas de educação física (uso de uniforme indesejável, conflito de auto-imagem, natureza competitiva das aulas, falta de suporte dos professores, sentimento de incapacidade para demonstrar competência sobre uma habilidade) desestimulam a participação nas aulas curriculares e acabam representando uma grande barreira para adesão das meninas às práticas físico-esportivas extracurriculares.

O estudo de Allender *et al.*²⁰ apresenta ainda que a baixa variedade das atividades oferecidas durante as aulas (onde normalmente prevalecem os esportes tradicionais preferidos pelos meninos) também colaboram para o desinteresse feminino. Aaron *et al.*²¹ expõem situação semelhante ao comentarem que a estrutura organizacional das escolas contribui para a diminuição do número de atividades físico-esportivas das quais os adolescentes participam, e também promove a sistemática exclusão daqueles menos habilidosos.

Em relação à questão dos tipos de atividades físico-esportivas preferidas por cada sexo, algumas pesquisas indicam que os meninos têm predileção por aquelas que são competitivas, realizadas em equipe e de maior intensidade, enquanto as meninas gostam mais das não competitivas, individuais e de intensidade leve a moderada^{21,22}. Por outro lado, Pfeiffer *et al.*²³ e Saxena *et al.*²⁴ argumentam que a participação em esportes é um forte preditor da atividade físico-esportiva regular vigorosa entre jovens americanas.

Portanto, o cuidado na elaboração e implementação de um programa que contemple tanto meninas quanto meninos, com diferentes níveis de habilidade motora e formas corporais, pode gerar um aumento da motivação pela mencionada disciplina curricular e a conseqüente procura pelas práticas extracurriculares. A postura do professor durante as aulas de educação física também é fundamental nesta questão, pois de acordo com os adolescentes entrevistados no estudo de Humbert *et al.*²⁵, um professor versado e justo também pode contribuir para a efetiva participação nas aulas. Deste modo, os professores devem ser preparados adequadamente para exercer o seu importante papel de educadores físicos²⁶.

Programas inovadores de educação física escolar já foram executados em alguns países. No estudo de revisão, em que o objetivo foi analisar os efeitos destes programas nas atitudes e nos níveis de prática de atividade físico-esportiva dentro e fora do ambiente escolar, Trudeau e Shepard²⁷ concluíram que um programa de educação física com qualidade pode contribuir significativamente para a quantidade total de atividade física moderada a intensa entre os jovens.

Um outro trabalho, com a participação dos mesmos pesquisadores¹⁰, constatou um efeito longo e positivo de um programa realizado diariamente, durante seis anos, sobre a prática de atividades físico-esportivas de mulheres adultas canadenses. Já o modelo alternativo de educação física denominado “esportes para paz”, desenvolvido por Ennis *et al.*²⁸, capacitava alunos com poucas habilidades e limitada experiência (entre os quais muitas meninas) a engajarem-se em esportes de equipe.

No caso dos adolescentes do Rio de Janeiro, o programa curricular de educação física, relativo ao segundo segmento do Ensino Fundamental, poderia compreender as diferentes formas de manifestação e expressão da cultura corporal de movimento, a fim de ampliar a visão do estudante sobre esta cultura e expandir o seu repertório de movimentos, e deste modo, viabilizar a sua autonomia para a realização de uma prática pessoal¹² além dos muros da escola, pautada nos referenciais de gosto e utilidade¹¹, e, se possível, estendida por um longo período.

Humbert *et al.*²⁵ sustentam posição semelhante, recomendando que aos jovens deveria ser dada a oportunidade de participar de programas que contribuíssem para o desenvolvimento das habilidades de diversos padrões de movimento, independente do nível de competência de cada um, possibilitando-

os prolongar este comportamento até a vida adulta. Thompson *et al.*²⁶ acrescentam que a adolescência pode ser o momento de definição da preferência pelo comportamento em direção à prática ou não das atividades físico-esportivas.

Em que pese a pouca ocorrência de eventos informativos a respeito da relevância da prática de atividades físico-esportivas seja nas aulas de educação física ou no tempo livre, é possível supor que o discurso empregado nestas campanhas não cause o impacto desejado nos adolescentes, talvez por enfatizar somente a razão utilitária desta prática e não veicular a imagem de prazer sentido durante a sua experimentação, visto que, segundo Lovisolo¹¹, o gosto e a utilidade são os principais referenciais das ações dos mais jovens.

O estudo de revisão de Trudeau e Shepard²⁷ também trata da frequência semanal da educação física escolar. Os pesquisadores constataram que há uma tendência global de redução do tempo destinado às aulas de educação física, apesar das grandes diferenças entre os países. Por exemplo, nas escolas norte-americanas, o tempo varia de 30 minutos a cinco horas nos primeiros anos escolares e, nos dois a três últimos anos, a educação física não é exigida. Em contraste, muitos países europeus dedicam de uma a três horas semanais, e em algumas escolas públicas inglesas, todas as tardes são dedicadas ao esporte.

CONCLUSÃO

Os adolescentes entre 14 e 15 anos residentes no Rio de Janeiro parecem gostar de atividades físico-esportivas e a educação física escolar provavelmente contribuiu para a formação deste gosto. Contudo, nem todos os estudantes que dizem gostar, praticam atividades físico-esportivas

regularmente no seu tempo livre. Existem possíveis razões que podem estar contribuindo para a baixa frequência de participação, principalmente das meninas, nas aulas de educação física (disciplina obrigatória nas escolas) e que também parecem desestimular a prática de atividades físico-esportivas extracurriculares.

Programas alternativos para a educação física, destinados a promover as práticas físico-esportivas entre os jovens podem ser implantados e desenvolvidos nas escolas desde os primeiros anos do Ensino Fundamental, a fim de estimular o interesse por este tipo de atividade desde cedo, e atrair aqueles que, atualmente, pouco participam das aulas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Kaufman A. Obesidade infanto-juvenil. *Pediatria Moderna*. 1999;35(4):218-22.
2. Guedes DP, Guedes JERP. Distribuição de gordura corporal, pressão arterial e níveis de lipídios-lipoproteínas plasmáticas. *Arq Bras Cardiol*. 1998;70:93-8.
3. Fisberg M. **Obesidade na infância e na adolescência**. São Paulo: Fundação BYK; 1995.
4. Pate RR, Pratt M, Blair SN, Haskell WL, Macera CQ, Bouchard C, et al. Physical activity and public health: recommendation from the centers for disease control and prevention and the American College of Sports Medicine. *JAMA*. 1995;273:402-7.
5. Reynolds KD, Killen JD, Bryson SW, Maron DJ, Taylor CB, Maccoby N, et al. Psychosocial predictors of physical activity in adolescents. *Prev Med*. 1990;19:541-51.
6. Sallis JF, Buono MJ, Roby JJ, Micale FG, Nelson JA. Seven day recall and other physical activity self reports in children and adolescents. *Med Sci Sports Exerc*. 1993;25:99-108.
7. Kemper H. The natural history of physical activity and aerobic fitness in teenagers. In: Dishman, R. (Ed.). **Advances in exercise adherence**. Champaign: Human Kinetics Books; 1994. p. 293-318.

8. Caspersen CJ, Pereira MA, Curran KM. Changes in physical activity patterns in the United States, by sex and cross-sectional age. *Med Sci Sports Exerc.* 2000;32:1601-9.
9. Telama R, Yang X. Physical activity in childhood and adolescence as predictor of physical activity in young adulthood. *Am J Prev Med.* 1997;13:317-23.
10. Trudeau F, Laurencelle L, Tremblay J, Rajic M, Shepard R. Daily primary school physical education: effects on physical activity during adult life. *Med Sci Sports Exerc.* 1999;31:111-7.
11. Lovisolo, H. **Estética, esporte e educação física.** Rio de Janeiro: Sprint Editora; 1997.
12. Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **PCN: Educação Física.** Brasília (Brasil): MEC/ SEF; 1998.
13. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *RJ – Capital, Informações estatísticas: Ensino – matrículas, docentes e rede escolar 2004.* Disponível em URL: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/> [2006 set 16].
14. Secretaria Municipal de Educação (SME). *Pesquisa de escolas, creches, programas e CREs.* Disponível em URL: <http://www.rio.rj.gov.br/sme/index.php> [2006 set 16].
15. Glenmard B, Hedberg G, Jansson E. Prediction of physical activity level in adulthood by physical characteristics, physical performance and physical activity in adolescence: in 11 - year follow-up study. *Euro J Applied Physiology.* 1994;69:530-8.
16. Telama R, Yang X. Decline of physical activity from youth to young adulthood in Finland. *Med Sci Sports Exerc.* 2000;32:1617-22.
17. Castro MS. **Motivos que influenciam a adesão à prática de exercícios físicos, nos programas oferecidos pelo Serviço Social do Comércio (SESC), no Distrito Federal.** Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação Física e Cultura, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2006.
18. Pasko VC. **A popularidade do handebol no contexto escolar e extra-escolar do Rio de Janeiro.** Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação Física e Cultura, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2005.
19. Sallis JF, McKenzie TL, Alcaraz JE, Kolody B, Faucette N, Howell MF. The effects of a two year physical education program (SPARK) on physical activity and fitness in elementary school students. *Am J Public Health.* 1997;87:1328-34.

20. Allender S, Cowburn G, Foster C. Understanding participation in sport and physical activity among children and adults: a review of qualitative studies. **Health Educ Res.** 2006;21(6):826-35.
21. Aaron DJ, Storti KL, Robertson RJ, Kriska AM, La Porte RE. Longitudinal study of the number and choice of leisure time physical activities from mid to late adolescence: implications for school curricula and community recreation programs. **Arch Pediatr Adolesc Med.** 2002;156(11):1075-80.
22. Vilhjalmsson R, Kristjansdottir G. Gender differences in physical activity in older children and adolescents: the central role of organized sport. **Soc Sci Med.** 2003;56(2):363-74.
23. Pfeiffer KA, Dowda M, Dishman RK, McIver KL, Sirard JH, Ward DS, et al. Sport participation and physical activity in adolescent females across a four-year period. **J Adolesc Health.** 2006;39:523-9.
24. Saxena R, Borzekowski DL, Rickert VI. Physical activity levels among urban adolescent females. **J Pediatr Adolesc Gynecol.** 2002;15(5):279-84.
25. Humbert ML, Chad KE, Spink KS, Muhajarine N, Anderson KD, Bruner MW, et al. Factors that influence physical activity participation among high and low SES youth. **Qual Health Res.** 2006;16(4):467-83.
26. Thompson AM, Humbert ML, Mirwald RL. A longitudinal study of the impact of childhood and adolescent physical activity experiences on adult physical activity perceptions and behaviors. **Qual Health Res.** 2003;13(3):358-77.
27. Trudeau F, Shepard RJ. Contribution of school programmes to physical activity levels and attitudes in children and adults. **Sports Med.** 2005;35(2):89-105.
28. Ennis CD, Solmon MA, Satina B, Loftus SJ, Mensch J, McCauley MT. Creating a sense of family in urban schools using the "sport for peace" curriculum. **Res Q Exerc Sport.** 1999;70:273-85.

ANEXO A



Distribuição das CRE e bairros correspondentes no Município do Rio de Janeiro

CRE	BAIRROS
1ª CRE	Praça Mauá, Gambôa, Santo Cristo, Caju, Centro, Cidade Nova, Bairro de Fátima, Estácio, Santa Teresa, Rio Comprido, São Cristóvão, Catumbi, Mangueira, Benfica e Paquetá.
2ª CRE	Glória, Flamengo, Laranjeiras, Catete, Urca, Cosme Velho, Botafogo, Humaitá, Praia Vermelha, Leme, Copacabana, Ipanema, São Conrado, Rocinha, Vidigal, Gávea, Leblon, Jardim Botânico, A. Boa Vista, Horto, Tijuca, Praça da Bandeira, Vila Isabel, Andaraí e Grajaú.
3ª CRE	Higienópolis, Engenho Novo, Rocha, Riachuelo, Del Castilho, Méier, Maria da Graça, Inhaúma, Engenho da Rainha, Tomás Coelho, Bonsucesso, Piedade, Sampaio, Jacaré, Cachambi, Todos os Santos, Pilares, Lins, E. Dentro, Água Santa, Encantado, Abolição, Jacarezinho e Alemão.
4ª CRE	Manguinhos, Bonsucesso, Ramos, Olaria, Penha, Brás de Pina, Vila da Penha, Cordovil, Parada de Lucas, Vigário Geral, Jardim América e Ilha do Governador.
5ª CRE	Vicente de Carvalho, Vila Kosmos, Vila da Penha, Irajá, Vista Alegre, Vaz Lobo, Colégio, Marechal Hermes, Rocha Miranda, Turiaçu, Oswaldo Cruz, Bento Ribeiro, Guadalupe, Madureira, Honório Gurgel, Campinho, Quintino, Cavalcante e Cascadura.
6ª CRE	Parque Anchieta, Anchieta, Ricardo de Albuquerque, Guadalupe, Acari, Coelho Neto, Irajá, Honório Gurgel, Costa Barros, Pavuna e Barros Filho.
7ª CRE	Jacarepaguá, Taquara, Cidade de Deus, Freguesia, Rio das Pedras, Tanque, Curicica, Pechincha, Praça Seca, Vila Valqueire, Barra da Tijuca, Itanhangá, Vargem Pequena, Vargem Grande e Recreio dos Bandeirantes.
8ª CRE	Guadalupe, Deodoro, Padre Miguel, Bangu, Senador Câmara, Jabour, Santíssimo, Guilherme da Silveira, Vila Kennedy, Vila Militar, Jardim Sulacap, Magalhães Bastos e Realengo.
9ª CRE	Inhoaíba, Campo Grande, Cosmos, Santíssimo, Augusto Vasconcelos e Benjamim Dumont.
10ª CRE	Santa Cruz, Paciência, Cosmos, São Fernando, Guaratiba, Ilha de Guaratiba, Barra de Guaratiba, Pedra de Guaratiba, Sepetiba e Jardim Maravilha.

ANEXO B

Escolas Públicas e Particulares por CRE

1. Escola Municipal Jenny Gomes – Rio Comprido (1ª CRE)
2. Colégio Santa Dorotéia – Rio Comprido (1ª CRE)
3. Escola Municipal Francisco Manoel – Andaraí (2ª CRE)
4. Escola Municipal Desembargador Oscar Tenório – Gávea (2ª CRE)
5. CINCO (Colégio de Integração Comunitária) – Andaraí (2ª CRE)
6. CEL (Centro Educacional da Lagoa) – Jardim Botânico (2ª CRE)
7. Escola Municipal Rio Grande do Sul – Engenho de Dentro (3ª CRE)
8. Escola Municipal Francisco Jobim – Méier (3ª CRE)
9. Colégio Metropolitano – Méier (3ª CRE)
10. MV1 Total – Méier (3ª CRE)
11. Escola Municipal Brig. Eduardo Gomes – Jardim Guanabara/ I.Gov. (4ª CRE)
12. Escola Municipal Pedro Lessa – Bonsucesso (4ª CRE)
13. Escola Municipal Berlim – Olaria (4ª CRE)
14. Colégio Humanitas – Praia da Bandeira/ Ilha do Governador (4ª CRE)
15. Colégio Horizonte – Jardim Guanabara/ Ilha do Governador (4ª CRE)
16. Colégio Fernandes Vidal – Jardim Guanabara/ Ilha do Governador (4ª CRE)
17. Colégio Antares – Jardim Guanabara/ Ilha do Governador (4ª CRE)
18. Escola Municipal Mário Paulo de Brito – Vista Alegre (5ª CRE)
19. Escola Municipal Pará – Rocha Miranda (5ª CRE)
20. Escola Municipal José do Patrocínio – Irajá (5ª CRE)
21. Colégio Salesiano – Rocha Miranda (5ª CRE)
22. Escola Municipal Monte Castelo – Coelho Neto (6ª CRE)
23. Colégio Cenecista Coelho Neto – Coelho Neto (6ª CRE)
24. Escola Municipal Rio das Pedras – Rio das Pedras (7ª CRE)
25. Escola Municipal Comp. Luiz Gonzaga – Freguesia/ Jacarepaguá (7ª CRE)
26. Centro Educacional Luiz de Camões – Freguesia/ Jacarepaguá (7ª CRE)
27. MV1 Total – Freguesia/ Jacarepaguá (7ª CRE)
28. Escola Municipal Getúlio Vargas – Bangu (8ª CRE)
29. Escola Municipal Miguel Ramalho Novo – Realengo (8ª CRE)
30. Centro Educacional Novo Mundo – Padre Miguel (8ª CRE)
31. Escola Municipal Venezuela – Campo Grande (9ª CRE)
32. Escola Municipal Ministro Alcides Carneiro – Campo Grande (9ª CRE)
33. Colégio Afonso Celso – Campo Grande (9ª CRE)

34. Escola Municipal Bento do Amaral Coutinho – Santa Cruz (10ª CRE)
35. Escola Municipal Eduardo Rabelo – Santa Cruz (10ª CRE)
36. Colégio Apollo 12 – Santa Cruz (10ª CRE)

ANEXO D

Você tem em casa? Quantos [as]?

Quantidades→	0	1	2	3	4	5	6 e +	Pontos
TV em cores	0	2	3	4	5	5	5	→
Rádio	0	1	2	3	4	4	4	→
Banheiro	0	2	3	4	4	4	4	→
Automóvel	0	2	4	5	5	5	5	→
Empregada Mensalista	0	2	4	4	4	4	4	→
Aspirador Pó	0	1	1	1	1	1	1	→
Máquina de Lavar Roupas	0	1	1	1	1	1	1	→
Televisor Preto e Branco	0	0	0	0	0	0	0	0

Geladeira e Freezer	Pontos
Não possui	0
Possui só geladeira - não tem nenhum tipo de freezer externo	2
Possui geladeira com freezer (porta duplex) ou possui freezer separado	3
Possui freezer mas não possui geladeira	1

Videocassete e DVD	Pontos
Não possui	0
Possui só videocassete	2
Possui só DVD	2
Possui videocassete e DVD	2

Grau de instrução do Chefe de família	Pontos
Analfabeto	0
Primeiro grau incompleto	1
Primeiro grau completo/ Segundo grau incompleto	2
Segundo grau completo/ Universitário incompleto	3
Universitário completo	5
Universitário completo	5

TOTAL DE PONTOS: _____

CLASSE SOCIAL:

- A1** (30 a 34 pontos)
- A2** (25 a 29 pontos)
- B1** (21 a 24 pontos)
- B2** (17 a 20 pontos)
- C1** (14 a 16 pontos)
- C2** (11 a 13 pontos)
- D** (06 a 10 pontos)
- E** (0 a 05 pontos)

ANEXO C

UNIVERSIDADE GAMA FILHO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Data: / /

Nome:

Sexo: 1. Masculino 2. Feminino

Endereço:

Nº: Complemento:

Bairro:

CEP: - Telefone: () -

Data de nascimento: / / Idade Exata: anos Série:

E-mail:

Escola:

Bairro da Escola:

Marque com um X a(s) sua(s) resposta(s) de cada pergunta a seguir:

P.1 Qual (is) dos itens abaixo você tem na sua casa?

Dos itens que você tem, qual é a quantidade de cada um deles?

	Tem	Quantidade
1. TV em cores	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/>
2. Rádio	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/>
3. Banheiro	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/>
4. Automóvel	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/>
5. Empregada mensalista*	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/>
6. Aspirador de pó	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/>
7. Máquina de lavar roupas	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/>
8. Televisor preto e branco	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/>

* mensalista – empregada que trabalha todos os dias

P.3 Na sua casa tem videocassete e/ ou DVD?

- (1) Não tem videocassete e/ ou DVD
- (2) Tem só vídeo cassete
- (3) Tem só DVD
- (4) Tem videocassete e DVD

P.4 Qual é o grau de instrução do chefe da sua família?

- (01) Analfabeto
- (02) Primeiro grau (Até 8ª série) Incompleto
- (03) Primeiro grau (Até 8ª série) Completo
- (04) Segundo grau Incompleto
- (05) Segundo grau Completo
- (06) Universitário Incompleto
- (07) Universitário Completo
- (08) Pós Graduação - Especialização Completa
- (09) Pós Graduação - Mestrado Completo
- (10) Pós Graduação - Doutorado Completo

P.2 Na sua casa tem geladeira e/ ou freezer?

- (1) Não tem geladeira e/ ou freezer
- (2) Tem só geladeira - não tem nenhum tipo de freezer externo
- (3) Tem geladeira com freezer (porta duplex) ou tem freezer separado
- (4) Tem freezer, mas não tem geladeira

P.5 O quanto você gosta de praticar atividades físico-esportivas?

(5).....Gosto Muito

(4).....Gosto

(3).....Nem gosto, nem desgosto/ Sou indiferente

(2).....Não gosto

(1).....Odeio

P.6 As aulas de educação física, **realizadas ao longo de sua vida escolar**, colaboraram para o quanto você gosta de praticar atividades físico-esportivas?

(1) Sim

(2) Não

P.7 No último mês, **excluindo as aulas de educação física da escola**, você vem praticando alguma atividade físico-esportiva?

(São considerados exemplos de atividade físico-esportiva: atividades de academia (ginástica, musculação, etc.); lutas; danças; jogos e esportes em geral. Também pode ser incluída a sua participação no treinamento de alguma equipe da escola, ou nas escolinhas de esporte realizadas dentro da própria escola).

(1) Sim

(2) Não → **Pule para a P.11**

SE RESPONDEU “SIM” NA P.7, RESPONDA AS PERGUNTAS P.8 A P.10, CASO CONTRÁRIO PULE PARA A P.11

RESPONDA A P.8 NO QUADRO ABAIXO:

P.8 Qual(is) é(são) esta(s) atividade(s) físico-esportiva(s)?

Quantas vezes por semana (frequência) você pratica esta(s) atividade(s) físico-esportiva(s)?

Quanto tempo por dia (duração diária)?

Há quanto tempo você pratica esta(s) atividade(s)?

Atividade Físico-Esportiva	Frequência Semanal (nº de vezes)	Duração Diária (em minutos)	Pratico esta atividade há
Exemplo:			
Futebol	3 vezes	60 min	1 ano e 8 meses
Natação	2 vezes	90 min	6 meses

P.9 Onde você pratica a(s) atividade(s) físico-esportiva(s) citada(s) na P.8?

(1) Clube

(2) **Academia**

(3) **Escola**

(4) **Rua**

(5) Praia

(6) **Praça**

(7) **Condomínio**

(8) **Quadra pública**

(9) Outro local (Especifique) _____

P.10 Quais os **3 principais motivos** que te levaram a praticar a(s) atividade(s) físico-esportiva(s) citadas na P.8?

(POR FAVOR, MARQUE COM UM X APENAS UMA OPÇÃO EM CADA COLUNA).

	1º Principal Motivo	2º Principal Motivo	3º Principal Motivo
Evitar problemas de saúde/ Doenças	()	()	()
O médico me aconselhou	()	()	()
Eu quero ser um atleta	()	()	()
Eu quero ter um corpo bonito	()	()	()
Eu quero/ preciso emagrecer	()	()	()
Eu sempre gostei desta atividade físico-esportiva	()	()	()
Eu gosto de fazer atividades que são desafiantes	()	()	()
Eu queria aprender uma nova atividade físico-esportiva	()	()	()
É perto da minha casa	()	()	()
Sou mais valorizado (a) por praticá-la	()	()	()
Estar em companhia dos meus amigos/ fazer novas amizades	()	()	()
Meus pais/ responsáveis decidiram que é importante	()	()	()
As aulas de Educação Física na escola me estimularam	()	()	()
OUTRO(S) MOTIVO(S): (Especifique)			
	()	()	()
	()	()	()
	()	()	()

RESPONDA A P.11 SOMENTE SE RESPONDEU “NÃO” NA P.7, CASO CONTRÁRIO PULE PARA A P.12

P.11 Quais são os **principais motivos** que te levaram a NÃO PRATICAR algum tipo de atividade físico-esportiva no último mês?

(POR FAVOR, MARQUE COM UM X, NO MÁXIMO 3 MOTIVOS).

	Motivos
Eu não gosto de atividades físico-esportivas	()
Tenho a sensação de estar fazendo algo ridículo (“pagando mico”)	()
Problema de saúde	()
Meus pais/ responsáveis não têm condições de pagar	()
Não há lugar próximo a minha casa onde eu possa praticar (praça pública; rua de lazer)	()
Tenho medo de freqüentar os lugares próximos à minha casa por serem inseguros	()
Não tenho afinidade com as pessoas que freqüentam os lugares próximos a minha casa	()
Não tenho alguém para me acompanhar até o local onde gostaria de praticar	()
Minha religião não permite	()
Meus pais/ responsáveis não me permitem	()
A minha experiência com as aulas de Educação Física na escola não me estimula	()
Sou preguiçoso(a).	()
Prefiro fazer outras atividades mais legais Qual? Dê um exemplo: _____	()
Realizo outras atividades mais importantes Qual? Dê um exemplo: _____	()
OUTRO(S) MOTIVO(S): (Especifique)	
	()
	()
	()

P.12 Quantos dias na semana você tem aula de Educação Física na sua escola, neste ano de 2006?
|__| **dia(s) na semana**

P.13 Quantos tempos de aula de Educação Física na sua escola você tem por dia?
|__| **tempo(s) por dia**

P.14 As aulas de Educação Física na sua escola ocorrem regularmente?
(1) Sim → **Pule para a P.16**
(2) Não

SOMENTE SE RESPONDEU “NÃO” NA P.14

P.15 Por qual(is) motivo(s) as aulas de Educação Física não ocorrem com regularidade?

P.16 Com que frequência você participa?
(1) Sempre (*Só falta por doença*)
(2) Às vezes
(3) Nunca

P.17 Por que você participa SEMPRE ou ÀS VEZES ou NUNCA (**RESPOSTA MARCADA NA P.16**)

P.18 Já houve alguma aula, campanha, ou palestra na sua escola, informando sobre a importância de se praticar atividades físico-esportivas?

- (1) Sim → **Responda a P.19 e a P.20**
- (2) Não → **Vá para o FINAL**

RESPONDA A P.19 E A P.20 SOMENTE SE RESPONDEU “SIM” NA P.18

P.19 O que você aprendeu?

P.20 O que você modificou na sua rotina diária, em relação à prática de atividades físico-esportivas, após este aprendizado?

FINAL
Muito Obrigado pela sua colaboração